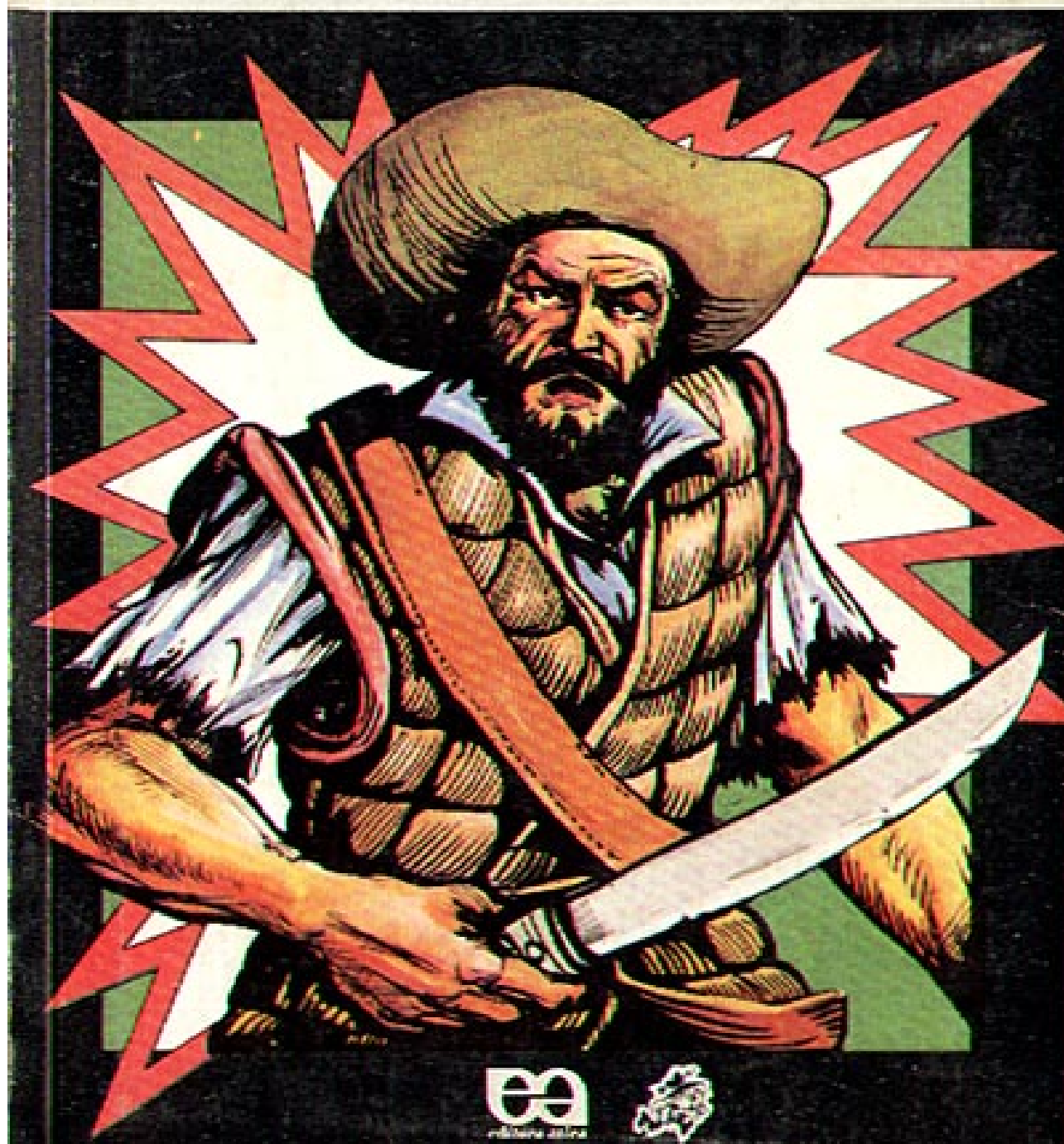


OFÉLIA e NARBAL FONTES

# O GIGANTE DE BOTAS



**Ofélia e Narbal Fontes**

# **O GIGANTE DE BOTAS**

Editora Ática, 6ª Edição. 1979

Série Vaga-Lume

Ilustrações de capa e miolo: Milton Rodrigues Alves  
Capa: “layout” de Ary Almeida Normanha  
Suplemento de Trabalho: Maria Aparecida Spirandelli

Origem: Gilson Brando

Formatação: SCS

## Dados Biográficos

Na literatura brasileira, há diversos casos de livros escritos em colaboração. O livro escrito a quatro mãos pode ser o resultado de uma colaboração tão grande que não se distinguem as características de um ou de outro escritor, ou pode ser uma obra em que é fácil ver que trechos pertencem a cada um dos autores.

A obra do casal Ofélia e Narbal Fontes pertence ao primeiro tipo. Eles escreveram muitos livros dedicados à infância e à juventude, num espírito de tal colaboração e entrosamento que, verdadeiramente, o que existe é a obra literária de Ofélia e Narbal Fontes.

Ofélia Fontes nasceu em São Paulo, a 21 de agosto de 1902. Diplomou-se professora primária e técnica de educação no Rio de Janeiro. Escritora, exerceu intensa atividade radiofônica paralelamente à sua carreira de literata. Reside no Rio de Janeiro, onde se fixou a muitos anos por força dos problemas de saúde de seu esposo.

Narbal Fontes nasceu na cidade de Tietê, São Paulo, a 10 de fevereiro de 1899. Faleceu no Rio de Janeiro a 29 de abril de 1960. Foi médico, professor primário, e, sobretudo, escritor. Sua obra, e a de sua esposa também, abrange a literatura infantil, a poesia, livros didáticos, biografias e contos. Espírito repleto de bondade e simplicidade, sua vida foi um painel de ternura, interesse sincero pelas criaturas, qualidades que transparecem de sua ampla bagagem literária.

*O Gigante de Botas* obteve o 1º Prêmio do “Concurso de histórias e contos”, instituído em 1940 pela Secretaria de Educação e Cultura do Distrito Federal.

## Obras dos Autores:

No Reino do Pau-Brasil	Espírito do Sol
Senhor Menino	O Micróbio Donald
Regina, a Rosa de Maio	História do Bebê
Romance de São Paulo	Ler, Escrever e Contar
Rui , o Maior	Ilha do Sol
Precisa-se de Um Rei	Brasileirinho
O Gigante de Botas	Companheiros
Coração de Onça	Pindorama
O Talismã de Vidro	O Menino dos Olhos Luminosos
A Gigantinha	A Boa Semente
A Espingarda de Ouro	A Vida de Santos Dumont
Aventuras de Um Coco da Bahia	O Bicho Sete Ciências
Esopo, o Contador de Histórias	O Gênio do Bem
Novas Histórias de Esopo	Cem Noites Tapuias
A Falsa História Maravilhosa	

## ÍNDICE

Dados Biográficos .....	3
Obras dos Autores:.....	4
I. Um sonho de quarenta anos.....	5
II. A partida .....	13
III. A primeira cruz .....	18
IV. O roteiro desconhecido .....	23
V. Os Quirixás .....	31
VI. Os Goiás.....	39
VII. A índia Marabá .....	43
VIII. A cruz de Anhangüera .....	48
IX. A canção do bandeirante.....	53
Notas .....	58

## I. Um sonho de quarenta anos

No primeiro dia de julho de 1722, um cavaleiro moço, chapelão batido na testa, gibão de couro, bandoleira, cintão de onça, espada e botas altas, chegava à fazenda do Anhangüera, em Parnaíba<sup>1</sup>. Ao atingir o milharal, sofreu as rédeas do alazão e parou. Poucos passos à sua frente, surgiram três cabeças de índios carijós<sup>2</sup>, entre as folhas de milho. Cumprimentaram, espantados, o cavaleiro, dizendo ao mesmo tempo:

— *Ianê caruca!*<sup>3</sup>

O cavaleiro pôs-se a rir da cara de surpresa dos bugres, respondendo-lhes ao boa tarde: *Ianê caruca!* E rumou na direção do monjolo. De mistura com o martelar dos pilões e o escachôo da água, ouvia agora perfeitamente vozes de escravos, cantando:

*“Tumbero<sup>4</sup> bateu no céu,  
São Pedro foi recebê:  
— Vá-se embora, seu muzungo<sup>5</sup>,  
olelê...  
Céu tá cheinho de negro,  
não tem lugar pra vancê!...”*

O cavaleiro se aproximava e as vozes cresciam:

*“Tumbero bateu no inferno  
Cuisa-ruim<sup>6</sup> foi recebê:  
— Vá-se embora, meu sargento,  
olelê...  
Tem muita gente aqui dentro,  
não tem lugar pra vancê...”*

Gargalhadas. E o canto continuava:

*“Tumbero voltou à terra,  
não sabendo o que fazê:  
De dia assombra os parente,  
olelê...”*

Alguém interrompeu o canto, dizendo:

— Aí vem seu Capitão Ortiz!

O coro cessou à chegada do cavaleiro. Os negros, que estavam à vontade, descansando longe da vista do feitor, levantaram-se alvoroçados: uns agarravam gamelas de canjica, outros peneiravam com agilidade, atirando o arroz pilado para o ar e colhendo-o de novo nas grandes urupemas<sup>7</sup>. Mas um deles, Jerônimo, profundamente distraído, não percebeu a mudança e terminou a canção num tom queixoso e soturno:

*“De noite arrasta corrente  
inté o dia manhecê...”*

O cavaleiro parou escutando. Os escravos voltaram a cabeça para o lado dele, fingindo admiração e o cumprimentaram:

— Suns Cristo! <sup>8</sup>

— Suns Cristo!

— Suns Cristo, seu capitão!

O Capitão Ortiz sorriu compassivamente, derreou o corpo na sela e respondeu ao cumprimento descobrindo-se:

— Seja louvado...

Cobriu-se de novo e perguntou:

— O Anhangüera está em casa?

E os negros, solícitos, fazendo coro:

— Está em casa, sim sinhô.

O Capitão Ortiz endireitou-se na sela e rumou para a casa da fazenda, dando as costas ao monjolo. Ia pensando na inutilidade das violências do feitor Ramires. Ali estava a prova: longe da vista do chicote, os carijós roubavam espigas no milharal e os negros folgavam no monjolo, cantando canções contra os feitores desumanos!

Assim que ele desapareceu no pequeno atalho, recomeçou o vozerio dos negros. Houve risadas de desafoço. Um deles aproximou-se do cantor distraído e deu a entender que ele havia perdido o juízo:

— Você está leso<sup>9</sup>, Jeromo?

A gargalhada se tornou geral. Mas Jerônimo não se deu por achado:

— Uai! Por que?!

— Então você não viu seu capitão chegá?

— Vi, sim. Mas eu conheço seu Capitão Ortiz. Ele não é mau que nem o feitor. Tem bom coração, deixa negro cantá...

Uma negra de carapinha branca defendeu Jerônimo:

— Que é que vocês estão caçoando? Meu filho está no seu juízo perfeito. Seu Capitão Ortiz é bom mesmo. Deus permita que ele se case com nhá Belinha pra botar pra fora esse feitor cuisa-ruim... Deus permita!...

— Sossegue, mãe Felícia. Eles já estão prometidos, explicou Graciosa, mucama das filhas do Anhangüera, que enchia o alguidar<sup>10</sup> na bica do monjolo. Vou já lá em cima avisar nhá Belinha que seu amor chegou. E Graciosa saiu, equilibrando na cabeça o alguidar cheio de água.

Enquanto isto se passava, na camarinha<sup>11</sup> das moças da casa-grande, as seis filhas do Anhangüera, reunidas em torno da roca, fiavam e teciam em silêncio. Uma tristeza indefinida oprimia aquelas criaturas tão jovens que a mais velha não teria mais que vinte anos!... Só a caçula, que tinha uns sete, estava despreocupada e foi ela quem rompeu o silêncio:

— Cruzes! Parece que morreu gente nesta casa!

— Fique quieta, Iaiá! Não diga bobagens, ralhou a penúltima, com ares de autoridade, apesar de não ter mais que oito anos.

— Você não me manda, Leonor. Falo porque posso. Se vocês perderam a língua eu não perdi. Só não falo se Belinha não quiser: depois que Joaquina se casou, quem me manda é ela!

Belinha parecia não ouvir. Inclina o lindo rosto para o trabalho, mostrando as grossas tranças cruzadas no alto da cabeça. Por fim, suspirou.

Joaninha resolveu brincar com a irmã:

— Se eu fosse taperá... acompanhava esse suspiro. Para quem foi, Belinha?

Belinha não respondeu. Leonor, porém, pretendeu adivinhar:

— Eu sei para quem foi...

Mas Iaiá não quis ficar atrás:

— Você não sabe. Quem sabe sou eu!

Leonor aborreceu-se:

— Pois diga então, sabida! Para quem foi o suspiro dela?

— Pra ninguém, afirmou Iaiá, com a cara mais brejeira deste mundo. Para os peixinhos do mar... para as nuvens do céu...

Joaninha atalhou a discussão que estava começando:

— Silêncio, meninas! Eu sou a mais velha, eu é que sei para quem foi...

Leonor, Iaiá, Escolástica e Rosa perguntaram ao mesmo tempo:

— Pra quem?

Então Joaninha respondeu devagar, fazendo corar Belinha:

— Para o senhor Capitão João Leite da Silva Ortiz!...

Nesse momento, entrou Graciosa, trazendo um copo de água numa bandeja de prata, e foi logo dizendo:

— Falai no mau...

Belinha ergueu alvoroçadamente e perguntou:

— Capitão Ortiz?

— Ele mesmo, sinhazinha. Está na varanda, esperando o sinhô Anhangüera. Vou levando água que ele pediu. Está com uma sede!... respondeu, arregalando os olhos.

Risos das moças. Belinha ordenou:

— Deixe ver a bandeja que eu levo, Graciosa.

Tomou a bandeja das mãos da mucama e foi saindo da camarinha. Joaninha tentou dissuadi-la:

— Não faça isso, Belinha! Se pai vir você na varanda vai ralar e mãe vai ficar muito aborrecida!...

Graciosa, porém, interveio a favor de Belinha:

— Deixe, sinhá Joaninha. Eles já estão prometidos. Sinhô Anhangüera tem muita confiança no Capitão Ortiz. Pois eles são sócios... E depois, a pobre vai levar muito tempo sem ver o seu prometido. A



bandeira já está armada...

Belinha foi andando muito compenetrada, cabeça erguida e olhos fitos na bandeja, sob o olhar espantado das irmãs. No momento, Joaninha não achou mais o que dizer. Mas, logo depois, voltando-se para a mucama, comentou:

— Que esperteza, dona Graciosa! Como é que soube de todas essas coisas que eu ainda não sei?

A mucama ficou toda envergonhada:

— Não me chame de dona, sinhá Joaninha, que até é pecado! Quem sou eu, para ser camada de dona? Uma pobre escrava... E a mucama suspirou.

— Não disfarce, Graciosa, e me diga como é que soube essas coisas que eram segredo para mim?

— Segredo pra sinhá? Cruz, credo! Então seu Capitão Inácio, companheiro de seu Capitão Ortiz, não lhe contou nada? Ah! Será que os maridos de hoje em dia fazem segredo com suas mulheres? Pois olhe, sinhazinha: sinhô seu pai não é assim. Hoje de manhã escutei a conversa dele com sinhá Joana. É por isso que eu sei.

— Ah! Então você andou encostando o ouvido nas fechaduras?

— Não diga isso, sinhazinha. Não pense tão mal da gente! Sinhazinha não sabe que ouvido de negro é que nem coador de chá? E qual é o branco que toma chá sem coador? É por isso que negro sabe tudo sem precisar andar escutando atrás das portas. É essa a minha vantagem, sinhazinha...

A mucama terminou com um trejeito tão engraçado que as moças desandaram a rir e Joaninha não teve modo de censurá-la. Continuaram depois a trabalhar e a conversar animadamente. O ambiente já não era o mesmo. Reinava alegria. Por artes da esperta mucama, todas ficaram sabendo que o pai prometera ao Capitão Oriz a mão de Belinha. E isso era um verdadeiro acontecimento!...

Belinha, ao sair do aposento, atravessou um corredor, passou pelo

oratório de Nossa Senhora da Boa Viagem, ajoelhou-se com a bandeja nas mãos, rezou um momento. Depois, levantou-se, continuou por uma saleta cheia de cabeças de animais pelas paredes, e entrou devagarinho na varanda, por trás do Capitão Ortiz. Este estava sentado num Canapé<sup>12</sup> de couro trançado e observava apreensivo uma pele de onça estendida no chão.

A moça ensaiou falar juntinho dele, mas ficou tolhida. Afinal venceu o acanhamento e murmurou num sopro:

— Olhe a água...

O Capitão levantou-se num sobressalto, voltando-se para ela.

— Perdoe-me, dona... eu pensei...

Isabel sorriu encabulada, baixou a cabeça e, de olhos erguidos para o moço, conseguiu falar:

— Pensou que era uma onça, não?

Capitão Ortiz emendou:

— Se fosse onça não me assombraria...

— Então acha que sou pior do que onça?

— Não diga isso, dona Isabel!

— Quem é dona Isabel? Eu sou Belinha...

O Capitão emudeceu embaraçado. Mas logo criou fôlego e pôs-se a falar impetuosamente:

— Belinha! Seu pai concedeu-me sua mão. A partida da bandeira está marcada para depois de amanhã. E eu não quero partir sem uma palavra sua!...

A noiva estremeceu e o copo entornou-se. Ortiz quis acudir, segurando a bandeja, mas era tarde: a água derramara-se pelo chão. Belinha endireitou o copo e, muito corada e com voz quase sumida, falou:

— Desculpe! O copo estava cheio demais, como o meu coração. Vou enchê-lo de novo...

— Não, Belinha, muito obrigado. Não haveria água no mundo que matasse minha sede como as palavras que escutei agora. Empenhei a vida

nesta bandeira para as minas dos Martírios. Vou partir com uma coragem nova, que a sua palavra me deu...

Ouviu-se, nesse instante, uma canção dolente que vinha da camarinha das moças:

*“Quem casa com bandeirante,  
não sabe bem o que faz:  
Seu amor caminha adiante,  
seu coração fica atrás!...  
Ai...  
Seu amor caminha adiante,  
Seu coração fica atrás!...”*

Capitão Ortiz ouvia com um sorriso triste; lágrimas brilhavam nos olhos de Belinha. Quando a canção terminou, ela disfarçou a emoção dizendo:

— Aquilo é brincadeira de Joanelha.

O capitão Ortiz ponderou:

— Ela também deve estar muito apreensiva: o Capitão Inácio Pais vai também...

Ouviram-se passos de alguém subindo a escada da varanda. Belinha abaixou-se rapidamente e, equilibrando a bandeja na mão esquerda, puxou com a direita a pele de onça sobre a mancha de água no chão. Depois, ergueu-se e disse, em voz sussurrada:

— Rezarei pelo senhor Capitão!

— Reze por nós, Belinha, respondeu o moço, no mesmo tom.

Ela esgueirou-se pelos fundos, ao tempo em que o vulto de Anhangüera surgia na varanda, pela porta da frente.

Era uma vigorosa figura de bandeirante. Teria pouco mais de cinquenta anos, alto, espadaúdo, barba cerrada, boca voluntariosa, expressão de energia indomável. Estendeu a mão ao Capitão Ortiz, com um sorriso acolhedor:

— Bons olhos o vejam, Capitão Ortiz! Até que enfim temos, em mão, a licença de El-Rei para partir!

O Capitão Ortiz apertou efusivamente a mão do Anhangüera e disse:

— Muito obrigado, senhor Bartolomeu. Até que enfim vencemos as manobras de Sebastião do Rego, junto ao senhor governador!...

— Ainda não, meu amigo. Esse nosso provedor-mor dos quintos reais é um velhaco de muita ronha<sup>13</sup>... É capaz de vender a alma por uma oitava de ouro. Toda cautela é pouca... Tenha mão nos seus homens que os meus serão vigiados por meu feitor de confiança.

Uma sombra passou pelo rosto de Ortiz: ele tinha uma vaga desconfiança do feitor Nuno Ramires, mas não achou maneira para transmiti-la ao Anhangüera. Por isso limitou-se a dizer:

— Meus homens estão a postos, sob o olhar vigilante de Antônio Indaiá, o mameluco. Já comprei as fazendas secas<sup>14</sup>, a munição de armas e de boca e tudo o mais que precisamos. O mestre-fundidor<sup>15</sup> Manuel Cabeça já está provido de almocafres<sup>16</sup> e bateias<sup>17</sup>. Só me falta receber sua palavra.

Anhangüera, satisfeito e orgulhoso, bateu no ombro do futuro genro, dizendo:

— Minha palavra é partir, rumo entre norte e oeste. Havemos de achar o mesmo caminho que trilhei com meu pai, quando tinha doze anos! Havemos de chegar às minas dos Martírios! Havemos de encher de ouro as nossas arcas vazias... Ah! Capitão Ortiz! Este é meu sonho que já dura quarenta anos! Mas agora havemos de realizá-lo!...

— E ao realizá-lo, Vossa Mercê conquistará mais um trato<sup>18</sup> imenso de sertão para aumento da república<sup>19</sup> e para grandeza da Pátria, afirmou Ortiz solenemente.

— Eu somente, não, senhor Capitão. Vossa Mercê e nossos parentes e amigos também: o mano Simão Bueno, meu cunhado Manuel Peres Calhamares, meu sobrinho Antônio Ferraz de Araújo e outros, que se associaram a esta jornada.

— Concordo, mas sem lisonja de minha parte, posso asseverar que a

Vossa Mercê pertence a glória maior, desde a iniciativa até o estímulo de todos, porque Vossa Mercê é o cabo da tropa, o guia e o olhar da bandeira. Sem a segurança que nos dá a sua direção, ninguém se aventuraria a tamanha empresa. As minas dos Martírios têm desafiado a audácia de muitos sertanistas<sup>20</sup> e potentados de arcos<sup>21</sup>...

— Pois então chegou a minha vez, Capitão Ortiz: ou descobriremos as minas ou ficarei por lá... Estou apostado<sup>22</sup> com Deus, concluiu Anhangüera com os olhos ardentes de fé, estendendo a mão ao Capitão Ortiz.

E os dois sertanistas, emocionados, apertaram-se as mãos silenciosamente.

## II. A partida

3 de Julho. Madrugada brumosa na cidade de S. Paulo. Quase apagado na cerração, todo um povo se ajoelhara defronte da igreja. O padre estava terminando a missa camal no altar improvisado. Nisto, um vulto destacou-se da massa ajoelhada e caminhou empunhando uma bandeira: era Anhangüera. Próximo ao altar, ajoelhou-se de novo. O povo rezava agora em voz alta, acompanhando a longa oração final do sacerdote. Havia um tom de lamento na voz das mulheres e de sombria determinação na voz dos homens.

Por fim, a manhã clareou, esbatendo a neblina e iluminando os rostos. Distinguiam-se, claramente, as figuras do governador D. Rodrigo César de Menezes e de sertanistas barbudos de todos os feitios, brancos e mamelucos. Em fila, ainda ajoelhadas, a esposa de Anhangüera, dona Joana de Gusmão, e suas filhas; Dona Maria Pires, sua cunhada e mãe de Antônio Ferraz de Araújo; Catarina Pedroso, mulher de Simão Bueno, afora inúmeras mulheres, ricas e modestas, que tinham vindo assistir à partida dos parentes. Ao lado de Anhangüera, seus filhos Bartolomeu, de vinte e um ano, Baltazar, de quinze, e Francisco, de onze; seu cunhado e sócio Manuel Peres Calhamares, seu genro Capitão Inácio Pais e seu

futuro genro Capitão Ortiz.

Findo o sagrado ofício e terminada a benção, o padre fez o sinal-da-cruz e disse com voz pausada e grave:

— Que seja bem sucedida esta diligência<sup>23</sup>, de que resultará não só utilidade de El-Rei, pelo aumento da fazenda real<sup>24</sup>, mas a Deus Nosso Senhor, pela propagação da fé. E sigam todos em graça, tenham venturoso sucesso e achem a Deus propício em toda jornada.

Repicaram os sinos, troaram escopetas<sup>25</sup> e todos se levantaram. Começaram, no mesmo instante, as despedidas. Uma indescritível emoção tomara conta do povo.

O Anhangüera, em primeiro plano. Dirigiu-se a D. Rodrigo César de Menezes e cumprimentou-o gravemente:

— Estamos de partida, senhor governador, e só me resta assegurar a Vossa Mercê que hei de cumprir o prometido.

O governador estendeu-lhe a mão cordialmente:

— Feliz jornada, senhor Bartolomeu Bueno da Silva. Da parte de El-Rei eu vos prometo, na volta, todas as honras e mercês e favores.

As mães despediram-se dos filhos com recomendações carinhosas e ingênuas. D. Joana de Gusmão abraçou, comovida, Bueninho, o filho mais velho. Mas quando chegou a vez de Baltazar, ela não se conteve. Apertava o rapazinho contra o peito e não o deixava, chorando angustiosamente. Baltazar, emocionado mas orgulhoso de seu gibão de armas<sup>26</sup>, procurava animá-la:

— Mãe, coragem que breve estaremos de volta!

Mas D. Joana, com seus cuidados extremos, lembrava mais isto e mais aquilo e só se separou do filho quando Anhangüera se avizinhou dos dois:

— Ora D. Joana, vosmecê está amaricando<sup>27</sup> o nosso filho! Aos doze anos eu já furava sertão com meu pai. E Baltazar já fez quinze!

Foi quando Francisco, que se aproximara e ouvira as palavras do Anhangüera, pediu ao pai com a alma nos olhos:

— Senhor pai, eu quero ir também...

— Desta vez ainda não, Francisco, respondeu o Anhangüera, acariciando o rosto do caçula. A fazenda precisa de um homem. Vosmecê fica tomando conta dela.

O menino consolou-se depressa com a nova responsabilidade que lhe confiara o pai. Um menino de sua idade dirigindo uma fazenda! Era de causar inveja ao primo Antoninho Lemos e ao primo Guilherme Pedroso, que eram mais velhos que ele...

D. Joana se recompôs o mais que pode de sua fraqueza de mãe e despediu-se do marido, com dignidade e emoção:

— Deus vos assista e vos traga, seu Bartolomeu. Eu ficarei cuidando dos filhos e rezando por vós...

Enquanto isso, aproveitando-se da despedida dos pais, Belinha, ao lado da igreja, por trás de uma pilha de bruacas<sup>28</sup>, entregava uma cruz ao Capitão Ortiz:

— Está benta, senhor capitão, disse, forçando um sorriso. O moço beijou a cruz em silêncio e pendurou-a ao pescoço. E, sentindo que os minutos eram poucos, se disseram, então, as palavras de ternura que não podiam mais conter. O instante era dramático e vencia as barreiras mais fortes...

Joaninha, a pouca distância, despedia-se do marido Capitão Inácio Dias Pais, mas não tirava os olhos da irmã, receosa de que ela fosse vista por algum estranho.

— Olhe para mim, Joaninha, implorou o marido, baixinho. Joaninha abraçou-se fortemente ao Capitão Inácio e então não queria mais deixá-lo.

Quando o casal se separou, os noivos também já se haviam separado. O Capitão Ortiz se afastara para providenciar a ordem da partida. O momento, porém, era grave, e todos o aproveitavam de acordo com seus sentimentos e interesses. Por trás da Igreja, confabulavam dois homens. Um deles, de maneiras afidalgadas, casaco fino de belbute<sup>29</sup>,

peitilho branco, punhos de renda, sapatos de fivela, olhos manhosos e fala macia. Era Sebastião do Rego:

— Pois não se esqueça, seu Ramires, do plano combinado! De suas habilidades dependerá o nosso sucesso. Os vinte administrados<sup>30</sup> que D. Rodrigo ofereceu à bandeira foram arrançados por mim. O Alferes Peixoto é fácil de ser levado, com todos os seus homens. É preciso embaçar<sup>31</sup> o velho. Na hora oportuna, tome conta da bandeira ou, se lhe parecer mais conveniente, substitua o ouro das bruacas... pensou um momento e continuou: Porque esse ouro tem de ser nosso! Vosmecê só não faz isso se não quiser. O velho confia tudo a vosmecê... Posso contar?

Nuno Ramires, barba raspada, bigodes finos e retorcidos, cabeleira oleosa, vista baixa, bateu o rebenque<sup>32</sup> na bota e prometeu:

— Não tenha dúvida, senhor Sebastião do Rego. As bruacas de ouro virão na frente para nós. As de pedra virão atrás, com eles...

A estas palavras os dois puseram-se a rir ruidosamente. Mas interromperam o riso, de súbito, porque o Capitão Ortiz passou, fulminando-os com um olhar de desconfiança e desprezo. E se apartaram imediatamente, receosos de que ele tivesse ouvido alguma coisa...

Uma trompa de chifre soou, anunciando a partida. O burburinho do povo recrudescu. Os chefes montaram a cavalo. Debaixo de uma velha figueira, próxima à igreja, as despedidas dos bandeirantes humildes parecia que não acabava mais. Mãe Felícia benzia o filho Jerônimo, que estava ajoelhado a seus pés, rodeado de companheiros contritos e confiantes na força daquela oração. Benzia-o, invocando todos os santos de sua devoção para protegê-lo:

— São Benedito e São Sebastião, São Cosme e São Damião, Santo Onofre e Santo Espiridião, São Jorge e São Pantaleão, livrai meu filho Jeromo (olha em torno), e todos os seus companheiros, dos bugres, dos raios, das enchentes, das bexigas, das câimbras, das carneiradas<sup>33</sup>, dos bichos de peçonha e dos bichos carnicheiros<sup>34</sup>, das traições...

Nesse momento da benção, chegou Nuno Ramires por trás e, dando



um pontapé em Jerônimo, gritou, furioso:

— Vá cuidar das bruacas, moleque mandrião!

Seguiu-se um silêncio de estupor. Mãe Felícia esbugalhou os olhos, apavorada. Formou-se um claro<sup>35</sup> ao redor de Ramires, enquanto Jerônimo se encaminhava para a pilha de bruacas. Mas o Capitão Ortiz, que assistira à cena estúpida, chamou pelo pobre escravo:

— Jerônimo! Deixe as bruacas e venha aqui ajeitar os almocafres nas mulas cargueiras!

— Perdão, cavalheiro, atalhou Nuno Ramires com um vinco de sarcasmo no rosto. Ele está cumprindo uma ordem minha!

— Pois Vossa Mercê que mande um administrado do senhor Sebastião do Rego cumprir essa ordem...

O feitor estremeceu de ódio, percebendo a alusão aos bugres de confiança do seu ilustre cúmplice. Mas achou conveniente calar-se e ceder. Com imensa satisfação dos companheiros, Jerônimo foi atender à ordem do Capitão Ortiz, voltando as costas tranquilamente ao terrível feitor. Mãe Felícia abalava a cabeça, sentindo-se vingada.

Soou, de novo, a trompa. A bandeira punha-se em marcha. Trinta e nove cavaleiros e cento e cinquenta e dois infantes<sup>36</sup>, inúmeros escravos de pé no chão e bugres sobraçando arcos. Todos os brancos e mamelucos armados de escopetas, facas e adagas. Muitos levando machados de falquejar, pendentes da sela. Nos ombros e a tiracolo, cobertores de baeta<sup>37</sup> enrodilhados.

O Anhangüera marchavam na frente, ladeado pelos filhos Bartolomeu e Baltazar. Este causava admiração porque, por sua expressão resoluta, parecia um bandeirante completo: trazia a tiracolo a bela espingarda de pederneira atrombetada, como mira e ponto, soquete<sup>38</sup> e guarda-mão<sup>39</sup> de prata, que o tio Simão lhe dera, pelo último aniversário; da cintura, pendia a patrona<sup>40</sup>, com seu polvarinho<sup>41</sup>.

Seguiam-se os subchefes: Simão Bueno, com a sua bela barba branca, contrastando com a barba negra do Capitão Ortiz, que marchava

ao seu lado; Antônio Ferraz de Araújo, envergando suas armas de algodão acolchoadas, o que lhe dava aparência de muito gordo; o Capitão Inácio Dias Pais, levando uma rede de pescar no arção<sup>42</sup> da sela; e os capelães da tropa, Frei Cosme de Santo André, um franciscano baixinho, de barba ruiva, cavalgando um cavalo trotão, e mais Frei Antônio da Conceição e Frei Luís de Sant'Ana, ambos beneditinos, altos e bem postos nas suas alimárias.

Seguia-se, então, o Alferes Peixoto, da milícia de S. Paulo, todo pimpão, distribuindo olhares, à frente de seus comandados que marchavam à pé; e, por fim, Nuno Ramires, a cavalo, precedendo a bugrada e os escravos negros que levavam pelo cabresto as mulas cargueiras, atulhadas de cestos encourados, bruacas e baús de bois<sup>43</sup>.

Os sinos continuaram bimbalhando... De mistura, ouvia-se o ladrar dos cães e o mugido dos bois que iam sendo tangidos pela tropa. As mulheres, paradas aqui e ali, pelas imediações da igreja, agitavam os lenços para os parentes que se afastavam... Os olhos do Capitão Ortiz voltavam-se, a cada momento, para o grupo formado pela família de Anhangüera. Nisto, Belinha tomou coragem e fez ao noivo um último gesto de adeus, mas logo ocultou o rosto no lenço, chorando, e nem viu que ele lhe retribuía o carinho, tirando o chapéu e acenando-o repetidamente.

Rompendo a massa dos infantes, mãe Felícia fez uma derradeira recomendação a Jerônimo:

— Vá com Deus, meu filho! E tome tento, disse, baixando a pálpebra com o indicador, para abrir mais o olho, lavado de pranto. Olho vivo com seu Ramires!... Aquilo não é feitor: malfeitor é que ele é! Isso sim! E acrescentou ainda, mudando de expressão: Vá com Deus e a Virgem Maria!

### **III. A primeira cruz**

A bandeira rumou para as bandas de Jundiaí. Dentro em pouco, a

marcha era tão regular, que o tropel dos cavalos se fundia com os passos cadenciados dos infantes. Entre estes, destacavam-se, de mosquete<sup>44</sup> ao ombro e polvarinho a tiracolo, Manuel Cabeça, mestre-fundidor, gordo, barrigudo, bastos bigodes, e Antônio Indaiá, mateiro<sup>45</sup> mameluco, magro, tostado, imberbe. Não se conheciam ainda, pois o mestre-fundidor havia chegado recentemente do reino. Entretanto a sorte comum criou entre eles uma rápida e crescente camaradagem, tanto assim que se puseram logo a conversar, sem mudar o ritmo da marcha. Manuel Cabeça perguntava, passando a mão nos bigodes:

— O amigo já foi ao sertão?

— Mas que dúvida! Eu fui nascido lá...

— E que tal, hein?

— Ah! O sertão é um paraíso!

— Não tem muito perigo, pois não?

— Pra divertir sempre aparece algum, disse Indaiá, com um sorriso irônico...

— Animal de peçonha?, arriscou-se a indagar seu Manuel.

— Assim!... informou o outro, apinhando os dedos, para juntar o gesto à palavra.

Seu Manuel, cofiando os bigodes, visivelmente nervoso, continuou:

— Muito bicho sugador?

— Um dilúvio!...

— Muita fera carniceira?

— Ah! Que nem formiga!

— Muita peste e carneirada?

— Nem fale!...

Coitado do Manuel Cabeça! Ele ia de mal a pior nas suas perguntas!... Mas, assim mesmo, continuava:

— Muito gentio feroz?

— Ih! É o que não falta!...

Sempre afagando os bigodes, o mestre-fundidor chegou-se mais ao

mameluco e disse-lhe, com a voz surda de emoção:

— E diga-me cá: é verdade que eles comem uma pessoa viva?

— Ah! Isso é mentira!...

Seu Manuel sentiu-se aliviado com a informação:

— Bem, logo vi que havia de ser mentira!...

Mas Indaiá prosseguiu, com simplicidade gaiata:

— Uma pessoa viva eles não comem. Matam primeiro, cozinham e comem depois...

Desta vez, seu Manuel fechou a carranca, passou a mão repetidas vezes no bigode e emudeceu.

A bandeira marchou até sol a pino, cerca de quinze léguas de campo aberto e pequenos outeiros, e chegou à mata, pois segundo o costume dos bandeirantes, só deviam caminhar nas primeiras horas da manhã, não só para evitar os rigores do sol, com para poderem aproveitar o resto do dia, sondando o terreno em volta e possivelmente caçando e pescando.

No dia seguinte, a estrela-d'alva ainda cintilava com todo seu esplendor e os pássaros começavam a voar assustados de seus ninhos. Um barulho estranho tomava conta da mata. Duzentas vozes ecoavam, tiniam machados de falquejar, tombavam troncos enormes, abrindo um claro na galharia de em torno: era a bandeira rasgando caminho em plena selva!...

A simples trilha de uma fera transformava-se num largo carreador<sup>46</sup> para dar passagem aos grandes cargueiros. Das árvores de candeia<sup>47</sup>, tiravam achas de que se utilizariam à noite. E os homens iam se embrenhando na selva, até que, numa ampla clareira, acamparam. E a noite veio surpreendê-los já no coração da mata.

Grupos aqui e ali foram se acomodando para o sono reparador à luz das achas de candeia, que punha sombras fantásticas na espessura<sup>48</sup>. Quebrando o silêncio dos homens, ouviam-se atritos de folhas secas, pios de aves noturnas, barulhos de água, sussurros de vento, o quiriri impressionante da floresta adormecida.

Ainda despertos, Antônio Indaiá e Manuel Cabeça cochichavam. O

mameluco não perdia ocasião de assombrar o companheiro. Quando já estavam deitados, ele apontou para um ramo alto de perobeira e disse:

— Ó seu Cabeça, repare lá quem está namorando vosmecê...

Seu Manuel olhou na direção indicada e avistou logo um mocho orelhudo, de olhos encadeados pelos archotes. Mas, não se dando por achado, fez também uma descoberta, num outro galho:

— Ó seu Indaiá, olhe lá um ratinho pendurado, pedindo a vosmecê um pedaço de queijo...

Antônio Indaiá deu uma gargalhada:

— Ratinho, seu Manuel? Aquilo é um morcegão que vai se regalar com o sangue de vosmecê, até de madrugada...

Desta vez o nosso amor assustou-se: puxou o cobertor até a cabeça e dormiu abafado toda a noite.

Só depois de quatro dias, a bandeira saiu da mata e marchou por uma campina até as barrancas do rio Moji e como já fosse tarde, armou acampamento ali mesmo. Ao clarear do outro dia, atravessou o rio a vau<sup>49</sup>, com água pelo peito. Os tropeiros tiveram de repartir a carga das mulas e fazer o transporte em duas ou mais viagens. Os negros erguiam os fardos de provisões acima da cabeça e transpunham o rio penosamente.

Enquanto isso, Nuno Ramires andava numa extraordinária atividade, confabulando, aliciando<sup>50</sup> a chusma de aventureiros, preparando enfim, a grande traição...

E assim prosseguiu a bandeira. Percorreu cerca de cem léguas em trinta dias, por uma trilha mais ou menos conhecida pelos mineiros de Sabará, até que atingiu as barrancas do rio Grande. Aí fez alto. E dentro de pouco havia uma atividade febril no acampamento: Anhangüera dirigia a fabricação de canoas de samaúma para a travessia do rio. Agora é que ia começar a tarefa. Dali em diante seria o desconhecido e já o cansaço e o desalento começavam a vincar as fisionomias...

Alguém se aproximou do Anhangüera: era Simão Bueno, que vinha prevenir o irmão de que as provisões estavam esgotadas... O Anhangüera,

porém, não mostrou sinal de surpresa ou desagrado; limitou-se a dizer:

— Tanto melhor para as mulas cargueiras... Agora viveremos da providência das armas. Mas previna os homens que não cacem a tiros sem minha licença: Não convém atrair a atenção dos caiapós<sup>51</sup>, que vivem de corso<sup>52</sup> e infestam este sertão!...

Numa hora de descanso a bugrada atirou-se ao rio. Antônio Indaiá convidou o companheiro:

— Ó mestre-fundidor, vamos mergulhar a cabeça na água?

— Agradecido, seu Indaiá, mas já fui batizado.

O mameluco, porém, disfarçou e empurrou seu Manuel pela barranca. E este, que não esperava, bumba, caiu na água! Debatia-se furioso, aos berros. Indaiá mergulhou e agarrou-o por uma perna. Então recrudescu a gritaria:

— Um jacaré! Um jacaré! Acudam!...

Mas logo se agarrou a uma taboca<sup>53</sup> pendente da margem e pisou no seco, resmungando:

— Era o que me faltava! Estar a tomar banho no mato, como se tivesse que ir à recepção na corte!...

Reinava franca alegria entre os banhistas, quando um carijó, que atravessava o rio a nado, voltou nadando a custo e gritando:

— Tapuia anamaima!<sup>54</sup>... Tapuia anamaima!...

Houve um sobressalto geral. Os banhistas saíram da água. O índio foi arrastado para a margem e examinado: estava ferido, a flecha no peito! Estendido no chão, o infeliz arquejava. Não havia esperança de salvá-lo. Era um bugre espadaúdo e ainda moço. Interrogado, fez um supremo esforço e disse:

— Paraná upé omun suaxara!<sup>55</sup>, e olhou para o outro lado do rio.

Os circunstantes acompanharam o seu olhar e perceberam um bulir de folhas na margem oposta. Mas ninguém atirou, por ordem expressa do Capitão Ortiz; qualquer hostilidade iniciada seria um transtorno para a travessia do rio, na madrugada seguinte.

Sobre o corpo do índio sepultado ergueu-se o primeiro marco daquela viagem para o desconhecido: a cruz. Em torno dela, Frei Cosme rezava em cantochão, com os índios ajoelhados.

*“Tupã, Tupã, iuaca pinaié,  
remunhã ne raíra,  
oicó iuacopé...  
quahá pituna pupé...  
quahá pituna pupé...”*

Frei Luís e Frei Antônio repetiam a oração, em sua língua, acompanhados, em coro, por todos os cabos da tropa:

*— Senhor! Senhor! Que estais no céu, fazei com que vosso filho esteja no céu, ainda esta noite, ainda esta noite...*

#### **IV. O roteiro desconhecido**

Passaram-se meses e a orgulhosa bandeira estava reduzida a um punhado de criaturas famintas, maltrapilhas, febrentas, opadas e moribundas. E errava por chapadões<sup>56</sup> perdidos, carrascais<sup>57</sup> espinhentos, corumbás<sup>58</sup> desoladores... Certa vez, a inanição da maioria forçou arranchamento demorado, à margem de um rio mais ou menos piscoso. Os grandes banhos reparadores já não seduziam ninguém. Sucuris espreitavam os descuidados, ocultas nas touceiras das margens, e jacarés estavam aparecendo com muita frequência. O maior perigo, porém, era o das piranhas, que tinha reduzido um carijó a ossos limpos, em poucos minutos... Em compensação, elas eram o alimento mais certo da tropa. Antônio Indaiá apanhava-as com facilidade, lançando à água o que restava de seu cobertor de baeta vermelho. Atraídos pela cor sanguínea, os terríveis peixes carnívoros metiam os dentes agudos no tecido; Indaiá dava um puxão enérgico e atirava as piranhas na margem, onde elas rapidamente se tornavam inofensivas... Dentro dos ranchos, em redes ou jiraus<sup>59</sup>, deliravam os febrentos. Pela manhã, os frades vinham confessá-los; à tarde, o Anhangüera sempre os visitava, animando-os, mas saía

abanando a cabeça, em silêncio... O mameluco e o mestre-fundidor faziam a enfermagem com admirável solicitude.

Um dia, ao pôr-do-sol, seu Manuel acabou de cobrir o rosto de um morto e saiu praguejando contra um urubu que rondava por perto:

— Espera que eu já te ensino, ave agourenta!

Disse e entrou no seu rancho, de onde voltou trazendo uma escopeta. Fez pontaria e ia atirar quando, por detrás dele, chegou Antônio Indaiá e murmurou-lhe ao ouvido:

— Não adianta! Há outros para comerem vosmecê... E apontou para um bando que se entretinha a devorar os restos de um cavalo, morto de inanição. O urubu abriu vôo.

Enquanto isso, num rancho próximo da mata, Nuno Ramires tramava contra o Anhangüera e o Capitão Ortiz. Sentado numa canastra de couro, dizia aos aventureiros, entre os quais se encontrava o Alferes Peixoto, queimado e emagrecido pela dura jornada:

— Vai para quase um ano que estamos à mercê desse velho maníaco e desse capitão imbecil! Tinha razão, o senhor Sebastião do Rego para opor à loucura desta empresa. Mas o senhor governador foi no engodo<sup>60</sup>... Agora só nos resta uma salvação: é tomar conta da bandeira!

Os ouvintes abalavam a cabeça, em sinal de aprovação. E Ramires, animado, continuou mais eloquente ainda:

— O velho não tem roteiro algum! Desde Moji que prometeu mostrar-nos o rumo seguro. Mas adia sempre... Enquanto isso, os companheiros vão morrendo... Estamos esfarrapados, sem uma vara<sup>61</sup> de pano novo nas bruacas. Estamos famintos e não nos resta nem um paneiro<sup>62</sup> de farinha, nem um surrão<sup>63</sup> de carne salgada... Já comemos todos os cães e acabaremos comendo os restos de nossas cavalgadas, com palmito e mel silvestre. É decidirmos a volta ou a mudança de rumo. E isso quanto antes!...

Os aventureiros continuaram a ouvir tudo em silêncio. Seus rostos, tornados lívidos e sinistros pela miséria e pela revolta, fecharam-se mais



ainda. Ramires sentiu o terreno fácil e prosseguiu:

— Que respondem, companheiros? Que me diz a isto, Alferes Peixoto?

Este, decididamente, aplaudiu o conspirador:

— Digo que estou de pleno acordo, seu Nuno Ramires. Vamos ao rancho do chefe exigir o roteiro. E, em atitude ameaçadora, acrescentou:  
— Se ele se negar!...

Todos se levantaram, erguendo as escopetas, num gesto de ameaça, repetindo:

— Se ele se negar!...

Nesse momento entrou um aventureiro, empurrando Jerônimo pela frente:

— Encontrei este cambembe<sup>64</sup> sonso escutando aí fora...

Ramires sorriu com perversidade e disse:

— Deixe-o por minha conta...

E, voltando-se para os seus comparsas:

— Vão fazer o combinado, meus amigos, que eu fico ajustando contas com este traidor. Ele vai aprender a calar de uma vez por todas... Logo depois, estarei lá com vosmecês...

Os aventureiros saíram do rancho. Ramires dirigiu-se a Jerônimo:

— Quem te mandou me vigiar, diacho do inferno?

Jerônimo, de olhos baixos, não respondeu:

— Ah! Não respondes? Pois vais responder!...

Avançou e derrubou Jerônimo de um soco; pôs a bota ferrada no peito nu do desgraçado, desembainhou a espada e, aproximando a ponta da lâmina ao pescoço do escravo, insistiu:

— Fala, miserável!...

Jerônimo tinha uma expressão de angústia, mas continuava calado. Ramires, na máxima exaltação, tocou a ponta da espada na pele do negro e repetiu:

— Pela última vez: quem te mandou me atraiçoar, cão tihoso?

O escravo estava de boca aberta, olhos esbugalhados, no auge do terror! E Ramires acrescentou:

— Capitão Ortiz?

No mesmo instante, como se estivesse aguardando a chamada, o Capitão Ortiz entrou e disse, perfilando-se:

— Presente!...

O feitor recuou surpreendido e voltou a espada para o capitão, praguejando:

— Ah! Traidores!...

O Capitão não se perturbou:

— Jerônimo! Diga a Bueninho que mande dar o toque de alarma!

O negro recobrou ânimo como se houvesse ressuscitado. Levantou-se e ia saindo quando Ramires tentou interceptar-lhe o passo, mas o capitão, desembainhando também a espada, deu um salto e cobriu-lhe a retirada:

— Aviso ao cavalheiro que a minha é toledana<sup>65</sup>, disse Ortiz, brandindo a espada na direção do feitor.

Nuno Ramires, sentindo-se impotente diante da visível superioridade do adversário, tremia de ódio. E Ortiz continuou, batendo as palavras:

— Rica valentia, que se exerce contra um escravo indefeso! É assim que se honra a confiança de um chefe: traindo-o e acusando de traição ao seu fiel escravo!...

Ramires tentava fingir serenidade e fazia ironia:

— Perdão, eu não sabia que o senhor capitão era tão íntimo do escravo fiel...

— Não confunda intimidade com piedade e justiça!...

— Piedade do negro ou inveja do prestígio do branco? Previno-o de que as armas da bandeira estão em minhas mãos, arriscou-se a lembrar, ameaçador.

— Vosmecê sabe que não me faz sombra em terreno nenhum. E vou

provar-lhe que não tenho piedade só do negro cativo, mas também do branco covarde: podia mandar enforcá-lo, como traidor de bandeira, mas vou conservar-lhe a vida... Dou-lhe novas oportunidades para aumentar o seu prestígio...

Enquanto isso ocorria, à porta de seu rancho o Anhangüera esquadrihava o horizonte, de perfil recortado no céu anoitecido. De vez em quando respirava profundamente para combater a opressão de um pensamento angustioso. Erguia os olhos e fitava demoradamente a estrela Vésper. Do fundo do rancho, Baltazar acompanhava desassossegado o drama íntimo que se estampava na fisionomia de seu pai. Baltazar crescera a olhos vistos e, apesar das terríveis vicissitudes, sua barba de adolescente não podia desmentir que ele já era um homem, tão valoroso e decidido como os demais. Desde pequenino acostumara-se a ver o pai encarar as maiores dificuldades com a tranqüila certeza de vencê-las. Agora, ali estava aquele gigante de vontade e coragem, com o semblante devastado pelas provações e pelas incertezas da caminhada trágica... Baltazar bem sabia que o abatimento daquele Anhangüera não vinha das fomes que passava, mas do sofrimento moral de ver sua bandeira se acabando e o seu sonho de quarenta anos sempre fugindo ao seu alcance, como boitatá<sup>66</sup> ao vento da noite...

O Anhangüera despertou de seu pesadelo com o ruído de passos que se aproximavam: era a chusma de aventureiros descontentes... Alferes Peixoto, que vinha à frente, tomou a palavra, sem rodeios:

— Chefe! Queremos saber, de uma vez por todas, qual é o roteiro da bandeira... Com o perdão de Vossa Mercê, estamos que nem besouros tontos, dando cabeçadas no sertão bruto... Vamos andando sem rumo, vamos morrendo e não chegamos nunca... É preciso que Vossa Mercê nos mostre o roteiro!...

Anhangüera fechou o sobrolho, compreendendo a situação. E toda a força prodigiosa de seu espírito, que parecia morta, ressurgiu num momento. Encarou friamente a turba ameaçadora e disse, batendo as

sílabas:

— Não tenho roteiro nenhum para mostrar...

Houve um zunzum de protesto, que tendia a avolumar-se. Baltazar empunhou a sua bela espingarda e correu para a porta, postando-se ao lado do pai. Este repetiu imperturbável:

— Não tenho roteiro nenhum, mas, em consideração às penas por que temos passado, posso dizer-lhes que vamos caminhando rumo ao oeste, até alcançar a taba dos quirixás<sup>67</sup>, onde vive um velho cacique branco, chamado Lourenço, amigo de meu pai, que nos servirá de guia. Enquanto não chegamos lá, fiquem sabendo disto: o roteiro de um bandeirante que se preza é traçado no céu, pelo sol!... Não há risco mais claro nem livro mais fácil de ler... E saibam, de uma vez por todas também, que a palavra do bandeirante é sempre a mesma: Para Adiante!... Só os pusilâmines, os miseráveis e os traidores é que pensam em voltar...

Do meio da massa de descontentes, porém, gritou um aventureiro, erguendo a escopeta:

— Estamos cansados de promessas!... Queremos o roteiro!...

— O roteiro!... O roteiro!... O roteiro!... — pôs-se a exigir a turba em tumulto.

— Para trás, gritou Baltazar, pondo-se à frente do pai e apontando a espingarda para os aventureiros. Para trás!...

Acovardada com o desassombro do jovem Anhangüera, a chusma recuou. Anhangüera, impassível, cruzou os braços e encarou a todos...

Nisto soou o toque de alarma. De todos os lados surgiram, correndo, infantes, negros e índios e, num minuto, toda a bandeira estava reunida diante do rancho do chefe. Os aventureiros, surpreendidos com o golpe, calaram-se aguardando os acontecimentos. Foi então que apareceu, apressado, o Capitão Ortiz, ajeitando a espada ao cinturão:

— Anhangüera!... Os escutas<sup>68</sup> acabam de descobrir pegadas de bugres. Mande dar o alarma porque estamos para ser sitiados pelos

caiapós...

Houve um espanto geral, ao tempo em que o Anhangüera sorria e indagava:

— E poderemos resistir?

— Aqui é impossível!...

— Então ordene a partida. Não há tempo a perder!...

O Capitão Ortiz, como se nada houvesse acontecido, voltou-se para o Alferes Peixoto e ordenou:

— Alferes Peixoto! Reúna os infantes. Coloque os doentes nos cavalos que nos restam, os moribundos nas macas de tucum<sup>69</sup> e mande dar o toque de partir imediatamente!

Alferes Peixoto perfilou-se:

— Perfeitamente, senhor capitão!

E começou a marcha batida pela noite adentro... Ao clarão da lua nova, pareciam mais lívidos os corpos estendidos nas macas e mal cobertos pelas roupas em tiras... Nas alimárias esquálidas, iam outros tantos corpos murchos de febre, que deliravam e tinham visões fantásticas, muitas vezes tão horripilantes que chegavam a impressionar os que ainda gozavam saúde mas não possuíam forças para resistir ao contínuo espetáculo do sofrimento de seus companheiros... O grosso da tropa, inclusive alguns chefes, marchava a pé. De vez em quando, os padioleiros eram aliviados de sua carga humana que ficava pelo caminho, marcando-o com mais uma cruz... Para diante!... Sempre para diante!...

Já fazia mais de um ano que tinham atravessado o rio das Velhas, o rio Paranaíba, e o rio Corumbá. E agora transpunham as barrancas de um rio caudaloso e profundo, que ficou se chamando Meia Ponte. Para isso, os homens se serviram das árvores emaranhadas de lianas<sup>70</sup>, caídas sobre a corrente. Fizeram-no, agarrando-se aos cipós que pendiam da abóbada de verdura. Os animais atravessaram nadando, mas presos a longos cabrestos de muçurana<sup>71</sup>.

Passado o rio, caminharam algumas horas e deram num campo

desolado de cupins. Manuel Cabeça sentou-se num deles, com expressão de desistência definitiva... A bandeira continuou a marchar arrastadamente. Antônio Indaiá tentou animar o companheiro:

— Coragem, seu Manuel, que estamos chegando!

Seu Manuel abanou a cabeça em sinal de profunda descrença. E não se mexeu o lugar. Do alto de seu cavalo, o Capitão Ortiz percebeu a dificuldade. Voltou-se, apeou e perguntou:

— Que há companheiro?

— Ah, meu capitão! Deu-me uma coisa nas pernas que não posso dar um passo...

— Faça um esforço, seu Manuel! Não podemos arrancar aqui!...

— Mas andar como, se as pernas estão pregadas no chão?

Dizendo isto, ele se abaixou e tentou erguer as pernas com ambas as mãos. Mas só conseguiu levantar o cano das botas, já sem solas, expondo os pés chagados. E então concluiu, abanando a cabeça:

— Como vê, meu capitão, não é possível!

Ortiz compreendeu, puxou o cavalo pela rédea e ajudou seu Manuel a montar, por meio do cupim, penosamente.

Por fim, os bandeirantes fizeram alto no sopé de uma serra. Não lhes restava forças para transpô-la naquele dia. O desalento era avassalador. A fome não poupava nem os chefes, nem os capelães da bandeira, nem os humildes escravos negros e carijós.

Ao cair da noite, Frei Cosme, vencendo o próprio desânimo, rezou, como de costume, para aquele triste punhado de famintos e prometeu-lhes que, em breve, achariam a rota desejada e, com ela, o alimento, o reconforto e até o ouro. Um aventureiro de faces escaveiradas não se conteve:

— Não precisamos de ouro, precisamos de alimento!...

— Pois vós tereis alimento em abundância! — respondeu Frei Cosme.

— Mas quando? — foi a pergunta geral.

Frei Cosme, cheio de inspiração, corajosamente afirmou:

— Amanhã! Temos sofrido muito, mas não temos orado com o fervor devido. Precisamos rezar agora, com toda a fé e com toda a confiança. Só a oração poderá fazer o milagre!...

Disse e caiu de joelhos e toda a gente, tomada do mesmo impulso, ajoelhou-se também. E Frei Cosme, acompanhado por Frei Luís e Frei Antônio, rezou, num tom profundo de litania. Suas palavras eram repetidas fielmente por toda a bandeira, até pelo próprio Anhangüera:

— Senhor! Senhor! Neste momento de angústia e fome, de dor sem nome, dá-nos alento, força e alimento, Senhor! Senhor! Faze, Senhor, que este teu povo possa, de novo, recuperar a fé perdida e assim salvar a própria vida... Senhor! Senhor!

E enquanto aquela turba desamparada lançava ao céu seu apelo de misericórdia, a centenas de léguas de distância, na fazenda de Parnaíba, Belinha acendia um círio no altar da Senhora da Boa Viagem e, em companhia das irmãs, rezava chorando, pela sorte de seu pai, de seus irmãos, de seu noivo, de todos aqueles heróis perdidos nos confins sertanejos...

## V. Os Quirixás

Baltazar entrou correndo no rancho e disse ao Anhangüera:

— Nhor pai, chegue aí fora e veja que mundão de borboletas! É uma coisa como nunca se viu!

O Anhangüera levantou-se prontamente e correu para a porta. Logo depois voltou de olhos brilhantes de alegria e esperança, exclamando:

— Paná-paná<sup>72</sup>, filho! Paná-paná!

Baltazar arregalou os olhos sem compreender, e perguntou:

— Paná-paná, pai?

— Sim, filho. São as borboletas que estão de mudança. Sabe o que isso quer dizer? — continuava o velho bandeirante, cada vez mais entusiasmado. — Quer dizer que estamos próximos da taba dos quirixás!

Baltazar compreendia cada vez menos. Que teria que ver a migração das borboletas com a taba dos quirixás? Decididamente o pai estava tendo visões...

Os dois saíram para contemplar, de novo, o espetáculo raríssimo: milhares de asas brancas palpitavam a pequena altura e outros milhares de asas inquietas pareciam recobrir o chão e as árvores de um imenso lençol de seda branca... Era maravilhoso!

A esse momento, a novidade já havia corrido e um certo alvoroço sacudira a desalentada bandeira. Até os doentes queriam ver e procuravam sair dos ranchos, arrimando-se às paredes e aos companheiros válidos... O quadro era novo e alegre e todos o encaravam de alma refeita.

O Anhangüera exultava. Alguma coisa lhe dizia que o paná-paná era um sinal de que tinha encontrado o roteiro. Só uma vez tinha visto aquele fenômeno tão belo: foi quando era menino e acompanhava seu pai por aqueles sertões. E no dia seguinte ao da chegada das borboletas, lembrava-se muito bem, deram com a taba dos quirixás. Esta ideia podia ser ilusória, mas teve a força de uma esperança. Por isso, voltando-se para Baltazar, disse:

— Baltazar, reúna os vanguardeiros e veja se descobrem alguma coisa do alto da serra.

O valente rapazinho aprestou-se imediatamente e partiu à frente dos vanguardeiros. Fizeram juntos uma batida pela mata densa que orlava as montanhas e deram com uma picada. Subiram por ela, cheios de precaução e, de repente, na virada da serra, surgiu-lhes diante dos olhos uma roça, com ranchos abandonados, milharal, mandiocas, aboboreiras atapetando o chão, bananeiras apendoando cachos maduros... A alegria e a certeza do milagre brilharam no olhar dos míseros famintos. Num abrir e fechar de olhos, caíram como caititus na roça, fazendo uma colheita feroz. Os bugres davam dentadas no milho cru e devoravam bananas sem tirar sequer a casca. Baltazar, vendo que era inútil exigir obediência



àquela gente, voltou sozinho para anunciar à bandeira a extraordinária descoberta. A nova foi acolhida com um grito de triunfo:

— Viva Deus! — exclamou Frei Cosme.

— Viva! — responderam os circunstantes.

A picada, excessivamente estreita para a impaciência daquele povo, ainda exigiu de todos uma prova; não podiam chegar tão depressa quanto desejavam à roça bendita. E os desgraçados se atropelavam, metiam o peito e se enredavam nos cipoais, feriam-se nos arranha-gatos, caíam ao chão, peados pelas filandras<sup>73</sup> rasteiras. Erguiam-se, porém, rapidamente, e continuavam a corrida. Até os mais enfraquecidos subiam a picada quase a correr, como se tivessem sarado de repente... E, em poucos minutos, toda a bandeira se derramava pela roça. Um bando de macacos fugiu, assustado com os importunos visitantes. O Alferes Peixoto viu-os e ia atirar sobre eles, mas foi impedido pelo Anhangüera:

— Guarde o tiro para depois. Não devemos atrair a atenção dos bugres antes de matar a fome e refazer-nos da jornada.

Nisto ouviu-se um barulho na espessura do milharal asselvajado. Os homens puseram-se em guarda, voltando a boca das escopetas para o local de onde provinha o ruído. E Manuel Cabeça apareceu, sobraçando duas abóboras imensas, com um riso vitorioso.

Uma hora depois, era o próprio Manuel Cabeça que se propunha a preparar uma caldeirada de milho, abóbora e mandioca. Estava ele a mexer o caldeirão fumegante, quando chegou Antônio Indaiá trazendo um macaquinho. Seu Manuel, vivamente interessado, exclamou:

— Ai que rico!... Coitadinho, até parece gente! Ó mameluco, queres fazer-me presente desse bichinho?

— Que vai fazer com ele, seu Manuel? — indagou Indaiá.

— Ora, que há de ser? Vou criá-lo, pobrezinho...

Antônio Indaiá entregou o macaco a seu Manuel, que o seguiu com grandes cautelas, fez-lhe festas e comentou:

— Até parece teu filho, mameluco...

À tarde, em volta de caldeirões fumegantes, os homens comiam sofregamente. Seu Manuel, vendo Antônio Indaiá matar a fome como um desesperado, aproximou-se dele, bateu-lhe no ombro e segredou-lhe:

— Que tal a caldeirada?

Antônio Indaiá resumiu a sua opinião, estalando os beiços e acrescentou:

— Ergue um defunto!...

Seu Manuel acariciou o estômago com a mão espalmada:

— Nada como um caldinho de macaco para curar a fraqueza de uma pessoa... E se afastou, sem mais explicações.

Quando Anhangüera achou a hora oportuna, destacou três índios para a batida pelos arredores e com mais dezesseis homens enveredou por uma picada aberta na montanha. Iam com ele: Baltazar, Bueninho, Ortiz, Antônio Ferraz de Araújo, Simão Bueno, Alferes Peixoto e Antônio Pais, cada qual ladeado por um infante bem armado, e logo após Antônio Indaiá e Manuel Cabeça. Muito atrás caminhava Ramires, sempre conspirando, com os seus aventureiros de confiança, e, a maior distância ainda, o restante da bandeira, com as cargas e os doentes. Jerônimo, sempre dedicado, ora estava na frente para servir ao chefe e a Ortiz, ora se atrasava para vigiar as quatro mulas cargueiras que restavam, sem perder de vista os movimentos do feitor.

Os batedores<sup>74</sup> escalaram cautelosamente a montanha. Na outra vertente, para o norte, avistaram um aldeamento de índios, com seus fogos. O Anhangüera suspendeu a batida e ordenou à bandeira que se preparasse para um ataque, durante a madrugada. E assim se fez.

Seriam mais ou menos quatro horas da manhã quando os bandeirantes desceram a montanha, em silêncio, pisando o chão com extremos cuidados, para não serem pressentidos... Mas nisto, ouviram latidos desesperados de cães. Suspenderam o avanço e deitaram-se no chão, aguardando o movimento da taba; os cães continuaram a latir, logo depois a ganir lastimosamente e tudo silenciou de brusco... Os

bandeirantes se ergueram e continuaram avançando. Mas tiveram que cair de bruços de novo porque, da mata próxima, começou a cair uma chuva de flechas em torno deles. Os selvagens haviam sido advertidos da aproximação de estranhos pelos cães da taba...

Anhangüera continuava a exigir terminantemente que os bandeirantes não fizessem fogo, por isso todos se imobilizaram, resguardando-se nos relevos do terreno. Mas Simão Bueno, que estava a cavalo, se atreveu a franquear a mata e foi surpreendido por um bugre, que, do alto de uma árvore, lhe caiu sobre os ombros. Rolaram os dois por terra, num corpo a corpo feroz. O cavalo assustou-se e disparou pelo mato. Manuel Cabeça, que estava mais perto, correu atrás do animal. Surgiram-lhe, porém, dois bugres que o deixaram estendido como morto, no chão, com pancadas de garrote<sup>75</sup>. Em seguida, tentaram afastá-lo para longe, na intenção de comê-lo mais tarde. Mas Antônio Indaiá acudiu e afugentou os bugres à força de cutiladas. Por seu lado, o punhado de bandeirantes, depois de curtas escaramuças em que foram feridos muitos, conseguiu repelir os selvagens e, repentinamente, toda a luta cessou: a tribo internara-se pela mata, abandonando a taba.

Antônio Indaiá, a muito custo, conseguiu trazer Manuel Cabeça, desacordado e ensanguentado, para pô-lo a salvo da sanha dos bugres... Quando os bandeirantes franquearam, afinal, o recinto da maloca, encontraram os cães dos índios todos mortos, para não denunciarem a pista de seus donos... O Capitão Ortiz examinou os cadáveres dos pobres animais e concluiu apreensivo:

— Eles voltarão esta noite.

Mas os bandeirantes, em geral, só se preocupavam com a bela perspectiva: tinham mais de vinte cães para comer!

A oca central era uma construção alta, circular, coberta de pacova<sup>76</sup>, com buracos juntos ao chão, que eram as portas. Depois de convenientemente fortificada, a bandeira se instalou nela. Nas camas, que eram cestos de buriti, foram postos os feridos mais graves; outros ficaram

mesmo pelo chão.

Enquanto alguns homens vigiavam por seteiras abertas na parede, Antônio Indaiá lavava os ferimentos de seu Manuel. Por efeito da água fria ou por acaso, naquele instante o mestre-fundidor voltou a si e resmungou, abrindo os olhos a custo:

— Os marotos reservaram todas as pancadas para a minha cabeça...

Ao que Indaiá respondeu, convencido:

— Felizmente!

Seu Manuel vibrou de indignação:

— Como diz?

— Sim, explicou Indaiá, porque se sobrasse alguma pancada para a minha cabeça, a estas horas eu estaria morto e seu Cabeça comido... Mas aqui estamos salvos, por enquanto... acrescentou, olhando para os vigias das seteiras.

Seu Manuel compreendeu o gesto e fechou os olhos, num novo desfalecimento.

À noitinha, uma primeira flecha atravessou a parede do rancho. Era o sinal da batalha começada. E logo uma nuvem de flechas começou a chover, de todos os lados, na fortaleza improvisada. Através das seteiras, os sitiados principiaram a atirar. O estrondo das escopetas ecoava dentro da noite longamente. Nuno Ramires, visivelmente inquieto, espiou a atividade dos bugres contra a oca e segredou ao ouvido do Alferes Peixoto. Este fez um muxoxo de descaso e não abandonou o posto, junto a uma das seteiras.

Dos dezoito ranchos que circundavam a oca central, só os mais próximos não tinham sido ainda incendiados pelos bugres. O clarão das fogueiras facilitava a tarefa dos sitiantes, emboscados na orla da mata.

Percebendo que iam ficar prisioneiros num círculo de fogo, Anhangüera resolveu promover uma surtida desesperada. Esbarrou com Nuno Ramires e ordenou-lhe:

— Seu Ramires, saia com seus homens e vá ver de perto que

esperanças nos restam...

Ramires ficou lívido e engrolou uma desculpa:

— Eu, chefe? Neste momento estou curando um ferido grave, que levou uma flechada no vazio<sup>77</sup>.

Mas o Capitão Ortiz, que ouviu a desculpa, zombou de seu inimigo:

— Ah! Anhangüera! O senhor Ramires é indispensável como enfermeiro. Deixe por minha conta que eu organizo a surtida.

O Anhangüera teve um sorriso de compreensão. E imediatamente Ortiz instruiu Indaiá, Antônio Pais, Bueninho e Baltazar para a missão arriscada. Para cobrir a saída dos batedores, o chefe mandou descarregar as armas em todas as seteiras com o fim de enxotar para longe os bugres mais avançados. E os homens, enquanto as escopetas troavam sobre as suas cabeças, saíram da maloca rastejando. Aproveitaram-se de uma tigüera<sup>78</sup> que havia por trás da maloca e penetraram, afinal, na mata, sem serem vistos. Valendo-se da escuridão de em torno, puderam levantar-se e caminhar às apalpadelas pelos troncos das árvores. Depois de algum tempo, guiados por foguinhos intermitentes, surpreenderam sete índios sentados, fumando nos longos canudos de suas cangoeiras<sup>79</sup>. Fizeram o cerco e os aprisionaram. Foi, todavia, com as maiores dificuldades que conseguiram levá-los à presença do Anhangüera. Este, mal os examinou, ordenou a Calhamares:

— Ponha-os na corrente! Não de ficar sabendo que lidam com um filho de Anhangüera!...

Ouvindo isto, um prisioneiro, velho e capenga, que tinha sido trazido por Baltazar, abriu a boca espantado e falou com gesticulação copiosa e expressiva:

— Anhangüera?! Filho de Anhangüera?! Eu, Caxingó... amigo seu amigo Lorenço! Velho Lorenço falou: Anhangüera vai rio Vermelho, tem ouro... Anhangüera fica amigo cacique goiá, Nheenguiru conta tudo, mostra caminho pra Anhangüera...

Anhangüera sorriu vitoriosamente:

— Viva, Caxingó! Andamos muitas luas para te encontrar. Tu és quirixá?

— Caxingó quirixá, sim. Cacique meu Abaetê.

— E onde está meu amigo Lourenço?

— Cacique araê matou velho Lorenzo e prendeu filha dele.

— Pois vai em paz com teus irmãos, Caxingó. E fala ao cacique Abaetê, que eu, Anhangüera, sou amigo dos quirixás e quero que ele seja meu amigo.

— Caxingó fala, Anhangüera!

E os sete índios foram postos em liberdade.

Ao amanhecer, os bugres quirixás saíram do mato e se aproximaram da maloca, receosos. Os bandeirantes lhes fizeram uma recepção festiva, conforme as instruções do chefe. Entenderam-se por sinais com facilidade e, quando começou a troca de presentes, parecia que eram velhos amigos e não adversários da véspera. Chegou o cacique Abaetê, com seu majestoso canitar, acompanhado de dezesseis índias moças e claras, com tangas de penas, faixas de algodão colorido envolvendo o tórax e colares de tucumã no pescoço. Antônio Indaiá correu para dentro da oca, alvoroçando e assombrando seu Manuel com esta novidade:

— Seu Manuel, vosmecê não sabe o que está perdendo! O cacique lá fora está oferecendo folhetas de ouro para quem quiser...

Seu Manuel despertou da modorra e saltou da cama como se fosse de mola e não tivesse nada. Agarrou no braço de Antônio Indaiá e perguntou-lhe assombrado:

— Folhetas de ouro?

— De ouro legítimo! E das maiores!

Seu Manuel compôs-se às pressas e já ia saindo da oca quando Indaiá perguntou:

— Aonde vai, seu Manuel?

— Vou buscar o meu quinhão...

O mameluco soltou uma risada:

— Não vale a pena, seu Manuel!

— Não vale a pena? Ora, mentiroso! O cacique está oferecendo é nada!...

— Está sim! O cacique está oferecendo mas não é por aqui. Precisamos caminhar ainda um bocado até a taba goiá.

Seu Manuel meteu-se na cama desalentado:

— Eu logo vi... É preciso caminhar! É preciso caminhar! E não se tem feito outra coisa!... Esse chefe o que quer é matar a todos nós!

## VI. Os Goiás

Recomeçou a jornada heróica em demanda da taba goiá. Mas a camaradagem estabelecida entre os administrados e os quirixás seduzia os carijós e os convidava à desobediência. Muitos haviam fugido da bandeira para regressar ao convívio dos seus iguais. Era a saudade da vida livre e selvagem que impelia aqueles pobres índios escravizados... E além do mais, passava entre os brancos uma nova onda de descontentamento. Ramires, inteiramente esquecido dos sustos por que passara, dentro da oca sitiada, estava de novo fanfarrão, incitando os aventureiros a se amotinarem e a traírem o Anhangüera... Mas Jerônimo não dormia. E assim pode escutar, oculto entre as folhas de uma pacoveira brava, este fim de conversa:

— E não se esqueçam! O ouro será nosso. Mas deve ser mandado para a casa de seu Sebastião do Rego, onde estará garantido, até que possamos entrar na posse dele sem suspeitas. Para isso, basta fazer uma coisa muito simples: a troca das bruacas. Estamos entendidos?

Um aventureiro, porém, estava em dúvida:

— O Alferes Peixoto não está mais conosco?

Ramires, receando perder os adeptos, resolveu mentir:

— Ah! O Alferes Peixoto continua conosco.

— Mas não parece, — continuou o aventureiro, — está sempre a

serviço do Capitão Ortiz...

Ramires forçou um sorriso e disse num tom confidencial:

— Pois isso faz parte do plano, homem!

— Então ele está fingindo?

— É claro que sim.

— Ah! — exclamaram os aventureiros.

— Estamos entendidos, então?

— Perfeitamente! Perfeitamente! — concordaram todos.

Logo depois, a bandeira palmilhava um deserto interminável de barba-de-bode. O sol era causticante e a sede inexorável. A marcha se tornava cada vez mais penosa. Os pés se erguiam a custo do chão. E só a esperança de encontrar água ainda impelia aqueles míseros caminhanes... Só Frei Antônio e Frei Luís se mantinham com certo apruma nas suas valentes alimárias, ao passo que Frei Cosme, num dado momento, pendeu a cabeça, seu cavalo diminuiu a marcha e foi ficando para trás até que a bandeira se sumiu no horizonte... Após algum tempo de caminhada, porém, viram todos, como um verdadeiro oásis, um cerrado fechado. Para lá se dirigiram, na ânsia de fugir à soalheira. Ao atingir o cerrado, os que iam na frente gritaram para os trás:

— Araticum ponhé!<sup>80</sup>

Foi um grito de salvação. Os atrasados correram tanto que ainda subiram nas árvores antes dos que iam à frente. Um cheiro forte de fruta madura se exalava da vegetação. Nesse refúgio a bandeira repousou e se regalou com deliciosas frutas refrescantes. De um galho muito alto, Indaiá avistou um rio e preveniu a bandeira: iam, enfim, matar a sede!

Era o rio Pasmados. Com um pouco mais de esforço, alcançaram a margem do rio; os homens atiraram-se de bruços e beberam a longos haustos. Os animais entraram na água para melhor matarem a sede. Foi quando Ortiz, dando pela falta de Frei Cosme, se dirigiu ao chefe:

— Anhangüera, aconteceu alguma coisa a Frei Cosme. Vou procurá-lo.



— Mas a bandeira não pode esperar... Olhe, vá que eu mandarei colocar uma flecha emplumada do outro lado do rio, indicando nosso rumo para a taba dos goiás.

Dizendo isto, o Anhangüera desatou do cinturão a borracha<sup>81</sup> quase vazia, e entregou-a ao capitão:

— Tome, é o pouco que nos resta. Mas pode ser de grande utilidade para Frei Cosme.

Ortiz partiu à procura do frade, enquanto a bandeira se aprestava para a travessia do rio. Esta foi feita sem grande sacrifício porque havia uma sensação geral de desafoço e esperança. Antes de penetrarem na mata, por uma vereda recentemente trilhada por pés largos de bugres, o Anhangüera mandou Antônio Pais assinalar o trilho para orientar o Capitão Ortiz, quando viesse de volta com Frei Cosme. Assim que a bandeira franqueou a mata, Ramires foi ficando para trás e, a pretexto de apanhar o chapéu que deixara cair de propósito, arrancou a flecha enfeitada de penas vermelhas que Antônio Pais fincara no chão inclinada para direita e mudou-lhe a direção para a esquerda. Sorriu com profunda satisfação e alcançou, a galope, a bandeira, que já andava em plena mata. Apesar do arvoredor, o sol se mostrava em quase todo o trajeto, para aumentar a alegria das araras e papagaios que palravam nos galhos das suinãs vermelhas. Aqui e ali, deparavam-se abricós-de-macacos, inteiramente floridos, do chão à copa, como se alguém houvesse cingido os troncos com guirlandas caprichosas.

Esse aspecto festivo da mata distraía a atenção dos bandeirantes dos perigos que ela encerrava: trepados nas árvores mais altas, índios vigiavam o progredir da bandeira... De súbito, ouviu-se um tantã próximo, logo após um outro mais distante, e, por fim, um outro mais demorado e mais longínquo ainda...

Velho conhecedor da linguagem daqueles tambores, Anhangüera ergueu o braço e gritou:

— Alto! Estamos cercados pelos goiás! Não devemos opor nenhuma

resistência!

Aí, surgiram, de todos os lados, selvagens de rostos tatuados de círculos concêntricos, ameaçadores de flechas enristadas<sup>82</sup> nos arcos. Os bandeirantes deixaram-se conduzir. Um índio, mais tatuado que os outros, caminhava à frente da leva. Transposta a mata, surgiu aos olhos dos prisioneiros, uma taba de grandes ocas redondas, em cujo pátio central havia um mourão rodeado de igaçabas<sup>83</sup> gigantescas, nas quais mulheres remexiam com um pau algum alimento. O índio que ia à frente, entrou correndo no recinto da taba e bradou:

— Mira goiá caámunu cariuá-ità!<sup>84</sup>

Parou diante da oca central e repetiu:

— Mira goiá caámunu cariu-ità!

Apareceu, então, à porta, morubixaba majestoso com seu cocar de sete cores e perguntou:

— Mira cetá será?<sup>85</sup>

— Mira cetá será. — respondeu o arauto selvagem.

Seguiu-se um alvoroço medonho na oca. As mulheres abandonaram o serviço e correram para a entrada das habitações. Os prisioneiros foram levados à presença do cacique. E então o Anhangüera, puxando a rédea do seu cavalo, adiantou-se e falou:

— Xe Anhangüera raira, ne anama.<sup>86</sup>

O cacique teve um largo sorriso de surpresa, mostrando uma dupla fileira de dentes alvos e pontiagudos. Fez um gesto de quem se recorda, ergueu os braços para indicar simpatia e disse:

— Filho de Anhangüera! Nheenguiru fala língua de branco. Velho Lorenzo falou filho Anhangüera. Nheenguiru amigo sua gente!

— Muitas graças te dou, Nheenguiru, pela tua amizade. Tupã te seja favorável e te dê fortes guerreiros à tua gente e nunca falte a ela o bom carimã<sup>87</sup> e o gostoso cauim<sup>88</sup>! Teus amigos brancos vieram de longe e só desejam o ouro de tuas águas e terras.

— Ouro? Ouro? Nheenguiru não tem ouro! Gente araê<sup>89</sup> tem ouro,

rio Vermelho! Cacique Tombu, chefe bravo, amigo não Nheenguiru.

— Gente araê? Pois amanhã partiremos para lá! — exclamou Anhangüera, animado.

— Gente araê brava! Matou velho Lorenço! Nheenguiru ajuda chefe branco!

Em poucos instantes houve a confraternização de brancos e vermelhos na taba goiá. Alguns bandeirantes tomavam ao colo curumins ariscos e bravos como filhotes de onça. O alarido que eles faziam era tão violento que se destacava o vozerio geral, dos gritos de araras e dos guinchos dos saguis.

Antônio Indaiá e Manuel Cabeça, sempre juntos, passeavam pela aldeia, apreciando o trabalho das mulheres. Ao passarem perto de uma índia velha e dentuça, esta, sem a menor cerimônia, apalpou os braços do mestre-fundidor e comentou, passando a língua nos beiços:

— Re oicó catú xeú arãma!

Seu Manuel, julgando entender, ficou orgulhoso e corrigiu:

— Isto não é arame, isto são barras de ferro! — e apalpou os próprios braços satisfeito.

Mas Indaiá deu uma gostosa gargalhada e perguntou:

— Sabe o que ela disse, seu Manuel? Disse que vosmecê está bom para ser comido...

Seu Manuel perdeu a calma e praguejou:

— Vai comer gente tua, bugra antropófaga!

## **VII. A índia Marabá**

O Capitão Ortiz encontrou Frei Cosme desfalecido, ao pé de uma touceira de barba-de-bode. A três passos uma jararaca se desenrolava ameaçadora. O cavalo buscava, inutilmente, alguma pastagem pelos arredores. Ortiz apeou de um salto e, sem temor algum, pois suas botas eram altas, cortou a cabeça da serpente com um golpe de espada. E foi socorrer Frei Cosme, tentando reanimá-lo com a bebida:

— Eh! Frei Cosme!

O frade abriu os olhos a custo.

— Tome, que é um restinho de cana de Pernambuco!

Frei Cosme chegou os lábios descorados ao bocal da borracha e bebeu em pequenos tragos. Quando pode falar, agradeceu:

— Deus pague vosmecê, capitão.

Afinal, ajudado por Ortiz, montou de novo e partiram. Transposto o rio, seguiram a falsa indicação da flecha emplumada. Caminhavam, portanto, numa direção oposta, certos de que demandavam a taba goiá. E conversavam, despreocupados:

— De minha parte, Frei Cosme, eu lhe digo que só a fé tem importância. Morrer é pouco, desde que a fé sobreviva. Se eu não realizar o meu sonho, o herdeiro de minha fé poderá realizá-lo...

— Isto quer dizer que pretende casar-se. Alguém o espera em São Paulo...

A argúcia do frade deixou Ortiz embaraçado:

— É maneira de falar, Frei Cosme. Ninguém em espera...

Mas o frade indagou, incrédulo:

— Ninguém?...

Ortiz, emocionado e tirando o sombreiro<sup>90</sup>, explicou:

— A esta hora ninguém me espera mais... faz mais de dois anos!

— Ora, capitão! Onde está a sua fé, que, em dois anos de ausência, morre assim?

Ortiz não achou palavras para responder. Chegavam nesse momento a uma clareira da mata. Através dos troncos das árvores, divisaram um aldeamento selvagem. Só então falou tranquilamente:

— Aquela é a taba goiá. Anhangüera já deve ter chegado.

Certos disso, saíram da mata e se aproximaram sem a menor suspeita. Franquearam-lhes o recinto. Não havia sinal de vida. Mas o capitão descobriu um indício de fogo recentemente apagado, junto à oca central e murmurou, apreensivo:

— Não estou gostando deste silêncio, Frei Cosme.

Subitamente, prorrompeu de todos os lado, um vozerio diabólico e surgiu uma multidão de guerreiros, com tatuagens horríveis no rosto, armados de tangapemas, arcos e flechas emplumadas. Num segundo, cercaram o frade e o capitão. Este, instintivamente, levou a mão à espada, mas se conteve logo, pois percebeu a inutilidade de qualquer resistência. Frei Cosme elevava o crucifixo e esperava, estático. E ambos foram agarrados, arrancados da sela e feitos prisioneiros. Os selvagens ataram-lhes uma corda fina ao pescoço e outras mais grossas nos tornozelos e nos pulsos. Logo em seguida, atiraram-nos para dentro de uma pequena oca, onde os deixaram sentados no chão.

Nenhum dos dois alimentava ilusões sobre a sorte que os esperava. Estiveram silenciosos a princípio, até os olhos se acostumarem à penumbra. Depois o capitão puxou conversa, entre irônico e decepcionado:

— Caímos numa ratoeira de antropófagos, Frei Cosme. Creio que dentro em pouco tempo estaremos comidos. Olhe aqui o aviso! — explicou, mostrando a corda que trazia no pescoço. É com esta muçurana que nos vão atar no mourão...

— Veja lá, capitão, o que estávamos conversando há pouco. Não se deve perder a fé antes de perder a vida...

— Não me esqueço de nossa conversa, Frei Cosme. Mas agora o que eu quero dizer é que a vida está por pouco. Venha ver a atividade da taba!

E os dois se arrastaram até a portinhola ogival da oca e puseram a cabeça para fora, cheios de emoção e curiosidade. Corria desusada animação no recinto central. Cunhãs<sup>91</sup> e curumins transportavam espigas de milho e vasilhas de barro à cabeça. Junto a uma grande oca, outras cunhãs preparavam os vinhos do sacrifício. Mastigavam os grãos de milho e cuspiam num imenso alguidar, em torno do qual estavam sentadas. Ao centro do terreiro, um mourão enrodilhado de muçuranas, tendo ao pé enormes vasos de barro em fila. E, por todo o ambiente, um vozerio

ensurdecedor.

Os prisioneiros se recolheram, sempre se arrastando, até o fundo da oca e Ortiz comentou:

— Não lhe disse, Frei Cosme? Vamos ser muito bem temperados... Já é um consolo...

— O que eu mais sinto é que tudo foi culpa minha. Se o capitão não tivesse ido em meu socorro, nada lhe aconteceria.

— Ora, Frei Cosme. Isso não tem importância... O que importa é não perder a fé!

O frade teve uma atitude de recolhimento e, tomando de seu rosário, começou a rezar em voz baixa. Ortiz concentrou-se também.

De repente, uma voz fresca de mulher começou a cantar, rente à oca, numa toada monótona mas agradável:

*“Se eu fosse um saí dourado,  
não ficava mais aqui:  
Voava para teu lado  
e pousava ao pé de ti...”*

Um sorriso de agrado passou pelo rosto dos prisioneiros. A voz se foi aproximando e cessou, ao mesmo tempo em que um corpo encurvado tapava o orifício da entrada. E não demorou que se esclarecesse a situação: uma índia vinha ficar a serviço dos prisioneiros. Tinha um colar de pepitas de ouro, uma pele de maracajá atravessada do ombro à cintura, uma tanga de penas, uma liga vermelha nas pernas nuas. Nos cabelos, negros e lisos, uma flor arroxçada de fava-divina. Era clara e bonita. Trazia em cada mão uma vasilha de alimento. Depois de examiná-los cuidadosamente, sorriu para ambos:

— Nanã traz comida pra guerreiro branco...

Iluminaram-se as fisionomias dos prisioneiros. E Ortiz perguntou, cheio de surpresa:

— Nanã fala língua de branco?

— Nanã é marabá<sup>92</sup>. Pai branco Lorenzo ensinou Nanã.

Ortiz indagou:

– Nanã é goiá?

– Goiá inimigo. Nanã é araê.

Ortiz silenciou, tomado de nova apreensão, enquanto a índia continuava a falar com a maior tranquilidade:

– Nanã quer saber nome guerreiro branco.

Então Ortiz pronunciou, vagorosamente:

– Or... tiz!

Nanã tentou repetir:

– O... re... ti.

– Ortiz!

– Ore... ti, Oreti! – repetiu ela rindo, satisfeita.

Voltou-se depois para Frei Cosme, desatou-lhe a corda dos pulsos e dos tornozelos e avisou:

– Abaré<sup>93</sup> sair pode. Oreti, não.

Em seguida, entregou ao frade uma das vasilhas, cheia de angu de milho verde. Frei Cosme tomou a vasilha mas, apesar da enorme fome que tinha, ficou hesitando se devia comer ou não. Nanã, sempre sorrindo, sentou-se diante de Ortiz e perguntou:

– Oreti não come?

Ortiz mostrou-lhe os pulsos atados. Nanã não teve cerimônia: meteu a mão na vasilha, ajeitou um bocado de angu com os dedos e levou-o à boca de Ortiz. Este arregalou os olhos, num susto, mas logo se conteve, sorriu e abriu a boca para receber o bocado. Mastigou, fazendo cara de quem achava excelente. Ela riu, deliciada. Mas, pouco depois, ele parou de comer. Ela percebeu a sua preocupação e indagou:

– Oreti não gosta avati<sup>94</sup>?

Frei Cosme tomou a palavra:

– Ortiz perdeu a fome, Nanã. Ele está triste, porque deixou a cunhã branca lá longe e veio buscar ouro. Ainda não achou ouro e não poderá voltar...

– Ouro? Nanã sabe lugar ouro. Colar Nanã ouro. Nanã mostra,

disse ela, pegando o colar.

– Mas como pode ser, Nanã, se estamos prisioneiros? – perguntou Ortiz, perturbado por uma vaga esperança. Não temos mais armas, nem cavalos... Não há mais jeito de sair daqui...

A índia teve, então, um sorriso inteligente:

– Nanã mostra ouro Oreti!

A penumbra da oca se fez escuridão de repente. Mas logo os prisioneiros encontraram explicação para o caso: um trovão reboou demoradamente. Nanã ergueu-se e disse:

– Tupã está falando. Tupã quer ajudar.

E saiu da oca, deixando frade e o moço perplexos, mirando, através da porta, os grossos pingos d'água que começavam a cair.

Os prisioneiros permaneceram mudos por algum tempo. Depois Frei Cosme se ergueu, caminhou para o capitão e desatou-lhe a muçurana dos braços e dos tornozelos. Foi então que Ortiz quebrou o silêncio:

– Que nos adianta, agora, estarmos de mãos livres?

– Deus sabe... respondeu o frade.

– Ah, sim, Tupã! Foi o que ela disse. Vamos ver como é que Tupã nos tira daqui! – concluiu o moço, sem esconder seu desalento.

O frade não respondeu. Rezava, enquanto a chuva torrencial caía lá fora.

## **VIII. A cruz de Anhangüera**

De madrugada, a chuva ainda não havia cessado. Reinava silêncio na taba. Todos dormiam. Só a sentinela, no outeiro próximo, estava de pé. Em dado momento, de uma das ocas saiu um vulto, esgueirou-se rente às paredes e entrou na oca dos prisioneiros. Frei Cosme dormia ainda. O Capitão Ortiz, porém, estava desperto e murmurou sentando-se:

– Nanã.

A moça não respondeu; abaixou-se para libertar Ortiz das peias, mas era tarde: o frade já o havia feito. Nanã compreendeu e disse:



– Abaré soltou Oreti! Nanã vai mostrar ouro Oreti!

Pegou no braço do moço e puxou por ele. Frei Cosme acordou com o movimento e ambos saíram, guiados pela índia. Ao franquearem a porta da ocará levaram um grande susto, ouvindo uma voz roufenha:

– Arara!

Caíram os três de bruços e ficaram colados ao chão, numa poça de água. A sentinela do outeiro ficou alerta. Mas logo depois, tranqüilizada, deu as costas para o ponto onde estavam os fugitivos. Então Nanã ergueu-se e, pé ante pé, aproximou-se da sentinela e flechou-a pelas costas. Ouviu-se um grito lancinante:

– Ruaiãna<sup>95</sup>!

E o corpo da sentinela rolou pelo outeiro abaixo. Nanã, ofegante, agarrou vigorosamente o punho do moço e correram ambos, seguidos de perto por Frei Cosme. Já haviam mergulhado na mata quando começou o vozerio da taba e o tantã impressionante do alarme. Principiava a perseguição.

Amanhecia. A chuva cessara. O céu clareava. No acampamento que a bandeira fizera junto a umas pedreiras, os bandeirantes despertos aprontavam-se para enfrentar os araês. Sentado numa pedra, Manuel Cabeça polia sua arma, que de repente, disparou. Seu Manuel estremeceu. Anhangüera correu para censurá-lo:

– Belo serviço, Seu Manuel! Além de perder munição preciosa...

Seu Manuel não se deu por achado e blasonou:

– Por isso não, meu chefe. Tenho mais munição para eles... E sorriu convencido.

Ouvindo a detonação, os fugitivos da taba araê orientaram-se e procuraram alcançar a orla da floresta, que estava próxima. Uma alegria pairava nas fisionomias ofegantes. Nanã apontou para um rio que se via através da folhagem e disse:

– Rio Vermelho... tem ouro...

Continuaram a correr. Súbito, Nanã caiu flechada nas costas. Ortiz

e o frade procuraram ampará-la. Mas Ortiz, sozinho, conseguiu levá-la para trás de uma pedra e pediu ao companheiro:

– Vá, Frei Cosme, e peça socorro aos nossos!

Frei Cosme desandou a correr com as forças que lhe restava, escorregando, dando cabeçadas nos troncos molhados e perseguido por flechas que zuniam em torno dele. Afinal, transpôs a mata e, do alto de uma pedra, avistou a bandeira acampada e gritou, a plenos pulmões:

– Socorro! Índios araês! Capitão Ortiz em perigo! Por aqui!...

Alguém no acampamento ouviu o apelo. E logo os cavaleiros, com Anhangüera, Baltazar e Bueninho à frente, subiram a galope uma ribanceira e alcançaram Frei Cosme.

– Por aqui, gritava este, rubro, pelo susto e pela corrida, apontando na direção de onde os araês estavam desfechando o ataque.

Os cavaleiros apearam, colocaram-se por detrás dos troncos e começaram a atirar. Nuvens de flechas responderam aos tiros, mas os selvagens detiveram a marcha. Enquanto isso, a bandeira marchava ribanceira acima para reforçar a defesa dos cavaleiros. As escopetas continuavam a disparar. Manuel Cabeça parou logo no início da subida e encostou-se ao barranco, esbaforido. E como Antônio Indaiá se voltasse, numa atitude de interrogação, ele explicou:

– Segue, mameluco! Eu fico por aqui... Deu-me outra vez aquela coisa nas pernas.

Indaiá alcançou rapidamente a bandeira e, dentro de poucos minutos, estava de escopeta rente ao rosto, dando o primeiro tiro.

Frei Cosme, Anhangüera, Baltazar e Alferes Peixoto conseguiram chegar, afinal, ao esconderijo de Ortiz. Com a cabeça amparada nas mãos do capitão, Nanã agonizava. Escorria-lhe da boca um fio de sangue. Sorria vagamente e, apontando de novo na direção do rio, murmurou:

– Ouro!

E, pegando o colar que trazia, acrescentou:

– Oreti dá colar pra moça branca...

Frei Cosme ajoelhou-se compungindo e rezou encomendando a Deus a alma de Nanã. Os bandeirantes, embora acostumados com o espetáculo da morte, comoveram-se profundamente. Por fim, Anhangüera ordenou ao Alferes Peixoto:

– Vá dizer à tropa que estamos aqui. E que achamos o rio Vermelho.

O alferes partiu correndo. Do caminho, encontrou Ramires e seus comparsas, muito bem emboscados mas inativos. Arrependido de haver conspirado contra Anhangüera, avisou cheio de alegria, apontando para o vale

– O Anhangüera tinha razão: achamos o rio Vermelho! O rio do ouro!

Ramires e seu grupo não esperaram mais nada. Enveredaram por um atalho e desceram desabalados para o vale. O alferes alcançou a vanguarda dos bandeirantes, que ainda combatia e preveniu:

– Os chefes estão por trás daquela pedra... E, mostrando o rio, acrescentou: – Rio Vermelho! Rio de ouro!

Ouvindo estas palavras mágicas, Antônio Indaiá parou de atirar e se pôs a correr ribanceira abaixo até que alcançou seu Manuel no mesmo ponto em que o deixara e com a mesma cara desalentada.

– Seu Manuel, ouro! Acharam o rio Vermelho, foi bradando o mameluco. Seu Manuel se transfigurou:

– Acharam o rio do ouro?

– Acharam, seu Manuel!

Este não disse mais nada: desandou a correr morro acima, deixando para trás Indaiá, que se ria a perder e não conseguia alcançá-lo. Do alto da pedreira onde estavam abrigados, Capitão Ortiz, Anhangüera, Frei Cosme e Baltazar viram uma cena rápida e impressionante: o grupo de aventureiros chefiados por Nuno Ramires alcançaram o rio Vermelho e se pusera a pesquisar ouro sofregamente, quando foram cercados por índios araês, manietados e arrastados para a mata onde desapareceram...

Ortiz fez menção de partir em socorro dos desgraçados. Anhangüera, porém, o deteve, com olhar significativo:

– Não vale a pena, capitão. Já era tempo... Vosmecê bem sabe disso!

Meia hora depois, não havia mais perigo de bugres araês pelas cercanias e a expedição avançava em ordem, para o rio Vermelho. Era um verdadeiro cortejo fúnebre, precedido de uma estreita maca improvisada, carregada pelos chefes mais graduados, sobre a qual ia o corpo de Nanã, com fartos cabelos pendendo até quase o chão. Chegando à margem do rio, os bandeirantes entraram em atividade febril. As bateias, os almocafres enferrujados não descansavam. O primeiro ouro colhido foi levado a seu Manuel, que fez o toque<sup>96</sup> devido e deu a sua palavra de mestre:

– É de boa pinta, não há dúvida... Ah! Se não fosse aquele tiro que eu dei, não apanharíamos este tesouro...

Vendo aproximar-se o Anhangüera, emudeceu. Mas este sorria, pela primeira vez...

Nanã foi enterrada ao pôr-do-sol. No mesmo lugar foi erguida uma cruz feita de um tronco de aroeira. E Frei Cosme fez ouvir sua palavra, em meio de religioso silêncio:

– Aqui sepultamos uma criatura pagã, boa como as criaturas simples de Deus. Sobre a sua sepultura, erguemos o símbolo cristão da cruz. Mas não estamos diante deste contraste apenas... Viemos em procura das minas dos Martírios e só alcançamos martírios, durante a jornada. E agora achamos afinal estas minas de ouro e, graças ao filho do Diabo Velho, plantamos a cruz de Cristo no sertão de Goiás! Honras, pois, a este gigante, que realizou um milagre de vontade humana! E honras a Baltazar, que o salvou numa hora de traição e miséria. O que fazemos por nossos pais vai à conta de Deus. E que Deus tenha piedade dos desgraçados, a que a ambição e a fraqueza perderam...

## IX. A canção do bandeirante

27 de Outubro de 1725. Na praça do terreiro da Matriz, em São Paulo, dois homens conversavam, sentados ao pé do cruzeiro. Um deles, muito moço ainda, perguntava:

– Então já faz três anos?

O mais velho respondeu:

– Mais de três anos! E nem a mulher tem notícia dele...

– Mas eu ouvi falar que o senhor governador recebeu pedido de socorro para a bandeira.

– E quando foi que partiu esse socorro? Vosmecê viu?

– Não!

– Pois então? Não padece dúvida que se deu com a bandeira dele o mesmo que aconteceu com a entrada do defunto Castanho, que Deus haja!

Por essa altura da palestra, um escravo passou, tangendo uma vara de porcos. Logo depois surgiu um cavaleiro poeirento, benzeu-se ao defrontar o cruzeiro e estacou o animal à porta da bodega da esquina, anunciando:

– Pai! Ó pai! Vem vindo uma bandeira no caminho de Jundiaí!...

– Pois vai à rua Direita da Misericórdia e avisa D. Joana, que deve ser a bandeira do Anhangüera, respondeu o bodegueiro, velho gordo, debruçando-se ao balcão.

O cavaleiro partiu a galope, ao tempo em que os dois homens se levantaram do cruzeiro e se puseram a anunciar aos que passavam pelos arredores:

– A bandeira do Anhangüera vem aí!...

Abriam-se portas e janelas das casas de todas as ruas circunjacentes. E surgiram, como por encanto, mulheres, homens e crianças. E a novidade correu de boca em boca:

– A bandeira vem aí! O Anhangüera vem aí!

O largo e as ruas se encheram de gente ansiosa e alvoroçada. Ouviu-

se a trompa anunciando a chegada. Logo depois os sinos da Igreja de São Bento começaram a bimbalhar festivos. E pouco mais tarde, a bandeira entrava triunfante na cidade. As fisionomias, crestadas de sol e curtidas de sofrimento, transbordavam de júbilo vitorioso... Ninguém punha reparo nos andrajos dos bandeirantes porque o coração de todos estava cheio de alegria. Alguns infantes traziam sagüis, papagaios e araras nos ombros. Em meio àquele bando heróico, mulheres procuravam, aflitas, os maridos, os filhos, os irmãos... E começaram as decepções atroz, em meio às cenas de contentamento dos encontros felizes. Eram abraços e beijos, choros e gritos por toda a rua.

Rompendo a massa dos infantes, mãe Felícia conseguiu descobrir o filho que tangia uma das mulas muito carregadas.

– Jeromo, meu filho, a benção te salvou!... E abraçou-o, chorando.

O filho respondeu, emocionado:

– É verdade, mãe.

Ficaram um instante calados. Depois ela perguntou, apreensiva:

– E o cuisa-ruim?

Jerônimo arregalou os olhos, expressivamente:

– Ficou por lá... Os bugres...

O semblante da preta entristeceu:

– Coitado de seu Ramires! Deus tenha pena dele...

Sebastião do Rego andava inquieto, olhando para todos os lados, com um vinco indagador no sobrecenho. Esbarrou com Manuel Cabeça, que levava um papagaio no ombro e caminhava ao lado de Antônio Indaiá, e amaciando a expressão, indagou:

– Vosmecês podem me dar novas do senhor Nuno Ramires?

– Ainda não veio, respondeu-lhe seu Manuel, muito sério.

Sebastião do Rego, entre assombrado e aliviado, continuou:

– Por quê?

Aí Antônio Indaiá explicou, irônico:

– Os bugres fizeram questão de ficar com ele...

– Não compreendo... Para que os bugres quereriam seu Nuno Ramires?

Mas seu Manuel concluiu, fulminante:

– Para que havia de ser, meu senhor? Pra criar...

Sebastião do Rego, furioso, mastigou uma ameaça, mas receando ter a mesma sorte de seu cúmplice, conteve-se e afastou-se.

Toda a família do Anhangüera estava misturada na bandeira. Anhangüera admirava Francisco e dizia orgulhoso:

– Vosmecê está um homem, Francisco!

D. Joana abraçava Baltazar, o seu rapazinho heróico. Joaninha jurava a Antônio Pais que não deixaria o marido partir de novo sem ela. Belinha, no auge da emoção, com lágrimas nos olhos, perguntou a Graciosa, que passava:

– Graciosa, vosmecê já viu o meu prometido?

A mucama, sem saber o mal que fazia, respondeu com toda simplicidade:

– Não, Sinhá Belinha.

A moça rompeu num choro sacudido. Mas logo vislumbrou por entre as lágrimas a figura do Capitão Ortiz, que lhe estendia os braços, a dois passos de distância. Teve uma exclamação de espanto e entendeu-lhe também os braços:

– Ortiz!

– Belinha! Minha noivinha! Já sei que rezou muito por mim...

– Que nada, negou ela, sorrindo entre lágrimas. Rezei muito, mas foi por mim...

O moço, então, falou com certo acanhamento:

– Trouxe-lhe um presentinho... E tirando do bolso uma fieira de pepitas de ouro, prendeu-a no pescoço de Belinha. Era o colar de Nanã...

No dia seguinte, estava em festa a fazenda do Anhangüera. Gente apertava-se pela escada, enchia a varanda, debruçava-se às janelas, comprimia-se no pátio. Gervásio Rabelo, secretário da governança, em

traje de gala e todo empertigado, no último degrau da escada, terminava a leitura de uma carta patente, diante do Anhangüera e de toda a sua família.

“... Assim sou servido prover a Bartolomeu Bueno da Silva, o Anhangüera, no cargo de Capitão-mor Regente das Minas de Goiás, bem como prover ao Capitão João Leite da Silva Ortiz, no cargo de Guarda-mor das Minas de Vila Buena de Goiás, esperando que suas pessoas se haverão nos novos cargos, de acordo com seus merecimentos”.

Ao terminar a cerimônia, Belinha, que estava atrás de toda a sua família, segurou o braço do noivo e puxou-o para dentro, segredando-lhe:

– Vamos fugir daqui, seu Guarda-mor das Minas de Vila Boa de Goiás?

Capitão Ortiz deixou-se conduzir de bom grado. Entraram então na varanda e sentaram-se no canapé de couro trançado, junto à pele de onça. Lá fora, ouviam-se vivas e aclamações. Belinha foi quem puxou conversa:

– Depois da partida da bandeira, eu não sabia fazer nada senão chorar e rezar...

– Não cantou mais?

– Não.

– E daqui por diante?

– Daqui por diante cantarei.

– A canção do bandeirante?

– Essa então, ainda mais.

– Como assim? Olhe que ela diz que quem casa com bandeirante não sabe bem o que faz...

– Não. Ontem de noite eu e Joantina inventamos uma trova melhor.

– Melhor? Como é então?

Belinha não se fez de rogada. Cantou:

*“Quem casa com bandeirante  
deve saber o que faz...  
se o homem caminha adiante*



*a mulher não fique atrás...*

*Ai!...*

*Se o homem caminha adiante,*

*a mulher não fique atrás!..."*

Ortiz sorria enlevado. Atraídos pelo canto, foram se achegando Rosa, Escolástica, Leonor, Joanninha, Iaiá, Baltazar, Bueninho, Francisco e inúmeros convidados e parentes. Palmas. Belinha não se perturbou, nem mesmo com a aproximação dos pais. E continuou:

*"A mulher do bandeirante*

*não o deixe seguir em paz:*

*siga com ele, radiante,*

*para a terra dos goiás...*

*Ai!...*

*Siga com ele, radiante,*

*para a terra dos goiás!..."*

E naquele mesmo dia, toda a família Anhangüera começou a preparar a partida para o sertão de Goiás.

FIM

## Notas

- 
- 1 *Parnaíba: povoação próxima da cidade de São Paulo.*
  - 2 *Carijós: nação de índios que habitavam o sul do Brasil.*
  - 3 *Ianê caruca: boa-tarde, em língua tupi.*
  - 4 *Tumbero ou Tumbeiro: feitor de escravos.*
  - 5 *Muzungo: demônio.*
  - 6 *Cuisa-ruim: diabo.*
  - 7 *Urupemas: peneiras.*
  - 8 *Suns Cristo: Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo, em expressão abreviada dos escravos.*
  - 9 *Leso: idiota.*
  - 10 *Alguidar: espécie de gamela.*
  - 11 *Camarinha: pequeno aposento.*
  - 12 *Canapé: espécie de sofá comprido.*
  - 13 *Ronha: astúcia, manha.*
  - 14 *Fazendas Secas: mantimentos conservados.*
  - 15 *Mestre-fundidor: profissional entendido em fundição de ouro.*
  - 16 *Almocafres: espécie de enxadas.*
  - 17 *Bateias: gamelas para lavar o ouro.*
  - 18 *Trato: pedaço, porção de terra.*
  - 19 *República: comunidade social da época.*
  - 20 *Sertanistas: devassadores do sertão.*
  - 21 *Potentados do Arco: proprietários de muitos escravos índios.*
  - 22 *Apostado: apalavrado, combinado.*
  - 23 *Diligência: empreendimento.*
  - 24 *Fazenda-Real: tesouro do reino.*
  - 25 *Escopeta: espingarda antiga e curta.*

- 
- 26 *Gibão de Armas*: casaco acolchoado de algodão para servir de escudo contra as flechas.
- 27 *Amaricando*: tornando medroso.
- 28 *Bruaca*: mala de couro cru.
- 29 *Belbute*: tecido de algodão aveludado.
- 30 *Administrados*: índios escravizados.
- 31 *Embaçar*: enganar, iludir.
- 32 *Rebenque*: chicote.
- 33 *Carneirada*: febre palustre.
- 34 *Carniceiro*: carnívoro.
- 35 *Claro*: espaço vazio.
- 36 *Infante*: soldado a pé.
- 37 *Baeta*: tecido felpudo de lã.
- 38 *Soquete*: utensílio para calcar a pólvora.
- 39 *Guarda-mão*: arco protetor da mão.
- 40 *Patrona*: cartucheira.
- 41 *Polvarinho*: utensílio onde se leva pólvora.
- 42 *Arção*: peça arqueada e saliente da sela.
- 43 *Baú de boi*: baú de couro de boi.
- 44 *Mosquete*: espécie de espingarda muito pesada.
- 45 *Mateiro*: conhecedor do mato.
- 46 *Carreador*: caminho.
- 47 *Árvores de candeia*: várias espécies de plantas resinosas, cuja madeira, mesmo verde, arde muito bem.
- 48 *Espessura*: mata cerrada.
- 49 *Atravessou o rio a vau*: atravessou andando, sem precisar nadar.
- 50 *Aliciando*: angariando, seduzindo.
- 51 *Caiapós*: nação indígena que habitava São Paulo, Goiás e Minas Gerais.

- 
- 52 *Corso: pilhagem.*
- 53 *Taboca: espécie de bambu.*
- 54 *Tapuia anamaima: tapuias (índios) inimigos.*
- 55 *Paraná upé omun suaxara: do outro lado do rio.*
- 56 *Chapadões: extensas planícies.*
- 57 *Carrascais: mata de vegetação baixa e áspera.*
- 58 *Corumbás: lugares esquecidos e distantes.*
- 59 *Jirau: estrado de varas armado sobre forquilhas.*
- 60 *Engodo: adulação.*
- 61 *Vara: medida antiga, pouco maior que um metro.*
- 62 *Paneiro: cesto de vime, com asas.*
- 63 *Surrão: espécie de saco.*
- 64 *Cambembe: desajeitado.*
- 65 *Toledana: espada famosa fabricada em Toledo, cidade da Espanha.*
- 66 *Boitatá: fogo-fátuo.*
- 67 *Quirixá: tribo indígena, que habitava Goiás.*
- 68 *Escutas: vigias, sentinelas.*
- 69 *Tucum: fibra da palmeira desse nome.*
- 70 *Lianas: cipós.*
- 71 *Muçurana: corda feita pelos índios.*
- 72 *Paná-paná: expressão que significa mudança, migração de borboletas.*
- 73 *Filandras: espécie de cipó.*
- 74 *Batedores: exploradores da vanguarda.*
- 75 *Garrote: cacete curto.*
- 76 *Pacova: bananeira selvagem.*
- 77 *Vazio: ilharga, um dos lados do ventre.*
- 78 *Tigüera: roça colhida ou abandonada.*
- 79 *Cangoeira: cachimbo usado pelos selvagens.*

---

80 *Araticum ponhé: fruta do mato, espécie de anonácea ou fruta-de-conde.*

81 *Borracha: bolsa de couro com bocal, destinada a líquidos.*

82 *Enristadas: prontas para serem disparadas.*

83 *Igaçabas: potes de barro.*

84 *Mira goiá caámunu cariua-itá: gente goiá aprisionou guerreiros brancos.*

85 *Mira cetá será: muita gente.*

86 *Xe Anhangüera raira, ne anama: eu sou filho de Anhangüera, teu amigo.*

87 *Carimã: bolo de mandioca.*

88 *Cauim: bebida fermentada.*

89 *Araê: tribo que habitava os sertões goianos.*

90 *Sombreiro: chapéu de aba larga.*

91 *Cunhã: mulher indígena.*

92 *Marabá: mestiço de branco e índio.*

93 *Abaré: padre, sacerdote.*

94 *Avati: milho.*

95 *Ruaiãna: inimigo.*

96 *Toque: meio de verificar o grau de pureza de um metal.*